



<http://www.unifafibe.com.br/revistalettrasfafibe/>

ISSN 2177-3408

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE

JUSSARA GOMES DOS SANTOS

**DISCURSO JORNALÍSTICO MUDIÁTICO: UMA
PROPOSTA PARA O ENSINO DE LEITURA E
REDAÇÃO**

BEBEDOURO – SÃO PAULO.

2014

JUSSARA GOMES DOS SANTOS

DISCURSO JORNALÍSTICO MIDIÁTICO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LEITURA E REDAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Rinaldo Guariglia

BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2014

SOUZA, Jussara Gomes dos Santos

Discurso Jornalístico midiático: Uma Proposta para o Ensino de Leitura e Redação / Jussara Gomes Dos Santos Souza. - Bebedouro: UNIFAFIBE, 2014.

94f.: 29,7cm

Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras/Inglês – Centro Universitário Unifafibe, Bebedouro, 2014.
Bibliografia: f. 67

1. Mídia. 2. Ensino de Língua Materna. 3. Análise do Discurso I.Título.

JUSSARA GOMES DOS SANTOS

DISCURSO JORNALÍSTICO MUDIÁTICO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LEITURA E REDAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês ou Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Rinaldo Guariglia
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado: Profª. Ms. Siumara da Silveira Melo Quintella
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

Dedico à minha filha Maria Eduarda, meu esposo Edinelson, meus pais Antônio e Vanete e a meus irmãos William, Eduardo, Jefferson, Luciene e Clévia.

AGRADECIMENTOS

a Deus, pelas bênçãos e pela proteção que me concedeu no desenvolvimento desta pesquisa;

à minha mãe Vanete, que mesmo de longe me incentivou a não desistir do meu sonho;

a meu pai Antônio, pelas palavras que me instigaram força e perseverança;

à meus irmãos, pelo carinho dado ao longo desse percurso.

ao Prof. Rinaldo, pela orientação, confiança e paciência; também pelos apontamentos de ordem teórico-metodológicas, que me possibilitaram reflexão e amadurecimento. Quão valiosas foram as orientações que me possibilitou desenvolver esse trabalho. Sem a sua ajuda nada disso seria possível;

a meu esposo Edinelson, pela confiança e paciência;

à professora Natália, pela solidariedade, amizade e apoio nos momentos difíceis que passei, principalmente nesse final do curso. Suas palavras ficarão pra sempre guardadas comigo, pois foram ensinamentos que me fez e fará cada vez melhor.

á professora Siumara pela valorosa contribuição por meio das reflexões para evolução do meu trabalho;

à minha grande amiga Isabela, que ao longo do curso foi um tijolo na construção do alicerce desse trabalho ;

à minha filha Maria Eduarda, que é minha maior inspiração;

Enfim, agradeço a todos aqueles que acreditaram na minha capacidade e me acolheram através de bons apontamentos.

A palavra distingue os homens e os animais; a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um homem antes que ele tenha falado.

Rousseau

RESUMO

Este estudo investigará o discurso jornalístico midiático televisivo, como gênero, aplicado ao ensino de leitura e redação no Ensino Médio. A pesquisa investigará também, o grau de interpretação de alunos utilizando noticiários de televisão, antes e após da aplicação básica de um método de interpretação de texto, fundamentados nos conceitos de Análise de Discurso. Escolhemos a AD por ser o campo que foca e possibilita a abordagem do tema escolhido. A defasagem das redações escolares, principalmente no Ensino Médio é o que nos motivou a realizar essa pesquisa. Escolhemos o ensino médio por se tratar da última etapa do ensino básico, levando em consideração que após concluir o ensino básico o aluno ingresse no ensino superior. Pretendemos investigar quais as dificuldades que os alunos desse ciclo tem em produzir e abstrair o conteúdo de um texto. Analisamos e avaliamos as produções apontando o que o aluno consegue e o que não consegue realizar, levando em consideração o que a pesquisa pretende investigar. Mostraremos os dados do confronto que apresentarão o antes e depois da aplicação de AD. Aprofundaremos os métodos de leitura, através do trabalho de campo a fim de reforçar as habilidades adquiridas pelo aluno ao longo dos anos que estudou. O *corpus* de pesquisa é formado da coleta e análise das redações e questionário respondidos pelos alunos.

Palavras-chave: Leitura e Redação. Mídias. Ensino de Língua Materna. Análise do Discurso.

ABSTRACT

This paper has the purpose of investigating the television media journalistic discourse, such as a gender, applied to the teaching of reading and writing in high school. The research also investigates the degree of students' interpretation using television news before and after the basic application of a method of text interpretation based on the concepts of Discourse Analysis. We chose the AD because it is the field that focuses and allows the approach of the chosen topic. The lag of school essays, especially in high school, is what motivated us to conduct this research. We chose the high school because it is the last stage of basic education, considering that after completing the basic school students enter higher education. We investigate which difficulties students of this cycle have with production and abstraction of content in a text. We analyze and evaluate the productions, pointing what the student can and can't accomplish, considering what the research intends to investigate. We show the data from the confrontation that will present before and after the application of AD. We explore methods of reading through field work in order to strengthen the skills acquired by the student over the years studied. The *corpus* is composed by collection and analysis of essays and a questionnaire answered by the students.

Keywords: Reading and Writing. Media. Teaching of Mother Tongue. Discourse Analysis.

INTRODUÇÃO.....	9
1 A ANÁLISE DO DISCURSO E O ENSINO DE LEITURA E REDAÇÃO: O CENÁRIO ATUAL E A PROPOSTA DE UM MÉTODO.....	11
1.1 Análise de Discurso: objeto de estudo e principais teorias e teórico	11
1.2 O Texto e o Discurso Jornalístico Midiático Televisivo	17
1.3 Ensino de Leitura e Redação — Grau de Interpretação.....	22
1.4 Ensino de Leitura e Redação: Proposta de um Método de Aprendizagem.....	26
1.5 O Texto Jornalístico na Sala de Aula	35
2 PRÁTICA: EXPOSIÇÃO DE RESULTADOS — INTERVENÇÃO DE AD	40
2.1 Análises das redações: O Antes e Depois da Aplicação da Intervenção.....	41
2.1.1 Análises das Redações Pré-intervenção	42
2.1.2 Análise e Apresentação das Redações Pós-intervenção	58
2.2 Levantamento e Resultado das Redações Analisadas	63
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS.....	69
Anexo A- Primeira coleta das redações.....	70
Anexo B- Segunda coleta das redações.....	78
Anexo C- CD: Vídeos 1 e 2 Exibições do Programa Fantástico da Rede Globo.....	86
APÊNDICES	87
Questionários dos Alunos	88

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa da área de Lingüística, da subárea de Análise do Discurso investigará o discurso jornalístico midiático televisivo, como gênero, aplicado ao ensino de leitura e redação no ensino médio. A pesquisa investigará o grau de interpretação de alunos utilizando noticiários de televisão, antes e após da aplicação básica de um método de interpretação de texto fundamentado nos conceitos de Análise de Discurso, a fim de aprofundar a interpretação. Serão utilizados os pressupostos básicos de ADD (Análise Dialógica do Discurso).

Optamos por realizar esse trabalho devido à defasagem registrada por alunos do ensino médio. Escolhemos o ensino médio, por se tratar da última etapa do ensino básico, ou seja, o último momento da vida do estudante para se preparar para ingressar no ensino superior. O estudo visa, através do discurso jornalístico midiático, desenvolver um trabalho apontando possíveis soluções de melhoramento e também mostrar por que isso acontece; já que se pressupõe que o aluno teve um percurso de apoio no ensino fundamental.

O estudo da dissertação escolar é instigante, porque é uma das poucas tipologias – senão a única – em que a relação dialógica tem por base o exercício da argumentação. Iremos trabalhar com Análise do Discurso por ser o campo que foca e possibilita a abordagem do tema escolhido.

Pretende-se investigar quais as dificuldades que o aluno tem em produzir textos e abstrair uma informação. Consiste em apresentar uma pesquisa que mostre o grau de dificuldade que alunos do ensino médio tem em produzir e abstrair o conteúdo de um texto oral ou escrito. Analisar e avaliar o grau de abstração dos alunos. O propósito consiste em investigar sobre as habilidades do aluno. Expor esboços de técnicas que auxiliem o aluno na contextualização de um conteúdo. Fazer um levantamento apontando os resultados obtidos com a aplicação de Análise do Discurso, se haver. Aprofundar os métodos de leitura, já utilizados na sala de aula, para reforçar o grau interpretativo adquirido pelo aluno, no decorrer dos anos que já estudou.

Trata-se de um trabalho bibliográfico e experimental, em que será coletado material dissertativo de alunos do ensino médio. Utilizaremos noticiários de televisão, em que os

alunos realizarão análises comparativas, entre duas reportagens exibidas num programa jornalístico de TV.

Analisaremos dois vídeos da Rede Globo exibido pelo programa Fantástico, durante as manifestações populares de junho de 2013, cujo conteúdo é o mesmo nas duas apresentações, porém a exibição se dá em datas diferentes, tendo um impasse também diferente. Após serem aplicadas as noções básicas de AD e terem assistido ambas as reportagens, os alunos produzirão dissertações que demonstrarão o que foi entendido dos vídeos. Para aplicação das técnicas será exibido o material (vídeos), em que alunos do Ensino Médio terão que escrever comparando os conteúdos dos vídeos. As redações formarão o *corpus* da pesquisa, desde que no ensino médio, o aluno de Ensino médio já domine as noções básicas de narração, descrição e dissertação.

Para realização da pesquisa e compreensão do tema proposto o dividimos em dois capítulos: no primeiro, abordaremos a Análise do Discurso (AD) como gênero aplicado no ensino de leitura e redação na sala de aula. Através dos conceitos de AD, dos teóricos Voese, Brandão e Mussalin, buscaremos apresentar um estudo apontando procedimentos que podem contribuir para os processos de aprendizagem de redação e leitura de alunos do Ensino Médio. Para fundamentar a proposta do nosso tema, que tratará de mídias jornalísticas, adotaremos o Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo para discutir a linguagem usada na produção de redações escolares. O segundo trará a análise das redações e exposição dos resultados das produções dos alunos, seguidos de um levantamento detalhado das aplicações feitas.

1. ENSINO DE LEITURA E REDAÇÃO: O CENÁRIO ATUAL E A PROPOSTA DE UM MÉTODO

Este tópico se destina para a observação e crítica dos métodos de ensino que se aplica na atualidade. Para entendermos melhor o que acontece no cenário atual pretendemos mostrar o que o currículo escolar (2012) do Estado de São Paulo propõe no ensino/aprendizagem de leitura e redação, propondo um método baseado nas habilidades de competência leitora e para produção textual, trazidas pelos autores Wander Emediato e José Carlos Bruni, que discutem sobre as nomenclaturas gramaticais e técnicas para a produção e leitura de textos.

1.1 Análise de Discurso: Objeto de estudo, as principais teorias e os teóricos, Ingo Voese, Helena H. Nanganime Brandão

A Análise do Discurso¹ (AD) é a área da lingüística que trabalha o texto permeando não só os aspectos lingüísticos, mas também o extralingüístico, ou seja, a AD estuda morfemas, orações, frases textos verbais e não-verbais.

Para que a análise se concretize, faz-se necessário o uso de três vértices interligantes; o trabalho com a língua/gem, a subjetividade (sujeitos/consciências/vozes) e a ideologia² (aspecto sócio-histórico). Quando falamos de interligação, obrigatoriamente entendemos que um depende do outro.

O discurso é forma empírica formalizada e contextualizada para expressar algo, são conteúdos, ideias ou arcabouços de um texto verbal ou não-verbal. Assim sendo, consideramos o discurso uma instância da linguagem responsável pela emersão de um texto, em que é formada por muitos discursos. Embora dividam o mesmo espaço na lingüística, o texto e o discurso não são iguais. O texto é a parte estrutural composta por conceitos

¹ Falar em Análise do Discurso pode significar, num primeiro momento, algo vago e amplo, praticamente pode significar qualquer coisa, já que toda produção de linguagem pode ser considerada “discurso”(MUSSALIM, 2006, p.101).

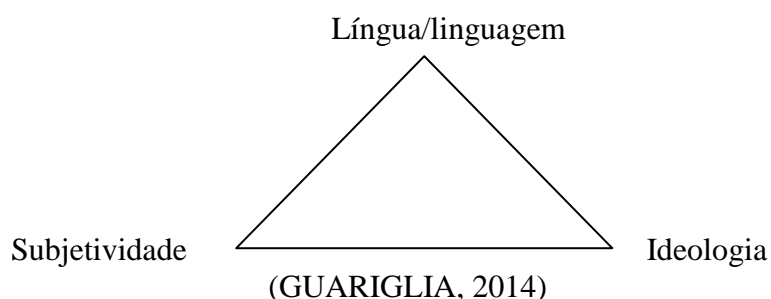
² Sobre o termo ideologia, ver Voese (2004, p. 54).

gramaticais, encadeamento de palavras e expressões, que por si formam um discurso; portanto o texto oral ou escrito é a parte que solidifica o discurso, incluindo a integração da linguagem. O dicionarista Antônio Houaiss define: “Qualquer material escrito que se destina a ser falado ou lido em voz alta” (HOUASSIS, 2.0), pode ser considerado texto. Já o discurso, oral ou escrito nada mais é que o raciocínio de comunicação determinado por um locutor e um interlocutor. Existe entre os linguístas o dogma de que discurso é sinônimo de fala, dessa forma compreende-se que o discurso só se materializa através da oratória. Mas essa visão não é totalizante e sim parcial, pois é possível instaurar um discurso sem o recurso preciso da fala como intitulado.

Em AD, busca-se explicar os discursos contidos em uma estrutura textual levando em consideração três vértices: língua/gem, subjetividade e a ideologia.

A língua por si só envolve dimensões que vão além da comunicação. A subjetividade contemplada no processo do produto (texto) e não no produto, e a ideologia marcada pela negação do próprio sentido.

Juntas elas formam os pilares de sustentação da AD: a língua/gem, a subjetividade e a ideologia. Guariglia (2014)³, nos apresenta cada vértice representada por uma pirâmide, que são postuladas por Brandão e Voese:



Para compreensão de cada vértice, instauramos uma reflexão a cerca do assunto, apresentando teóricos e a visão de cada um deles.

Para começar não dá para falar da língua/gem sem mencionar Saussure e “[...] sua célebre concepção dicotômica entre língua e fala” (BRANDÃO,1995, p.9). Acredita-se que a língua parte de um único princípio, a comunicação. É que a comunicação rege como fator primordial para concepção da língua. No entanto identifica-se a seguinte ordem: a comunicação pode ser fator predominante da língua, mas a rigor a língua enquanto veículo de comunicação vai além dessa formulação. Mesmo concebida e vista apenas como fio

³ Minicurso sobre Análise do Discurso, ministrado pelo Prof e Dr Rinaldo Guariglia.

comunicativo, a língua é algo amplamente vasto. Considerando o fato de a língua ter associações com a linguagem para concluir tal pensar. É que falar da primeira sem mencionar a segunda pode parecer vago. Para tanto Brandão postula que:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente, [...]. (Ibid., p. 12)

E para definição da simbologia da língua, enfocamos as relações vinculadas da linguagem, que apresenta caráter verbal e não-verbal. E já que a linguagem apresenta dois pólos: o verbal e o não-verbal, sendo ela parte integrante da língua, conclui-se que a linguagem não é algo abstrato. O verbal é constituído pela relação oral ou escrito da língua enquanto que o não-verbal define-se por meio de mecanismos representativos da língua, como desenhos, figuras, ou seja, imagens que podem ser codificadas.

A linguagem funciona como materialização da língua. Em suma, consideramos esse fator de grande importância; pois a língua e a linguagem assumem uma das partes instigantes na contemplação da Análise do Discurso.

Da linguagem entende-se toda manifestação que compreende a comunicação através da representação por signos verbais ou não-verbais, considerando que a linguagem é uma conjuntura da língua, em que a língua abrange aspectos gramaticais e a linguagem sistematiza os processos criados pela gramática. Comumente entres os lingüistas divulgam-se três conceitos gramaticais⁴ para a linguagem: a normativa, descritiva e internalizada. A relatividade de se definir qual é a função da língua é instaurada por Voese da seguinte ordem:

[...] por se tratar de algo tão importante na vida das pessoas, a ponto de ser impossível pensar não só a complexidade das sociedades humanas, como a própria sobrevivência delas sem a língua, torna-se imperioso problematizar sempre o que se diz de suas funções. (VOESE, 2004, p. 29).

Dessa forma, afirmar que a língua tem uma função exclusiva, nesse caso a comunicação, resumiu-se que a ação representativa é seu único papel, banindo a subjetividade, assunto de que trataremos também neste tópico. Como a Análise do Discurso percorre o circuito língua/linguagem, Voese (2004, p.29) instaura “que a língua é um instrumento de comunicação”, enquanto a linguagem se ocupa no mesmo espaço. Lembrando

⁴ Nesses conceitos são estabelecidos pré-requisitos para a elaboração da escrita e da oralidade. Cada conceito se responsabiliza pela integração manifesta na fala e na escrita. Mendonça (2006, p.234-239), faz uma reflexão acerca do assunto.

que tanto a língua quanto a linguagem são campos instalados no mesmo corpo, porém cada uma tem sua especificidade. Quando digo “campos instalados” e “corpo” refiro-me à condição permanente da língua e da linguagem, ou seja, a dependência de uma pela outra, exemplo disso é a comunicação, que permeia as duas faces.

Bakhtin (1929/1988), citado por Mendonça (2006), afirma que toda palavra permeia aspectos ideológicos em todos os sentidos. Nesse sentido, a exterioridade da língua é posta num campo de presunção, oposto do conceito formulado por Saussure:

[...] o conceito de língua de Bakhtin confronta-se com o de Saussure, que é diretamente questionado por aquele autor por retirar da língua seu caráter ideológico, considerando o signo com valor imutável, imanente [...]. (MENDONÇA, 2006, p.240).

Se a língua⁵ é um instrumento de comunicação, como entender seu funcionamento no texto escrito? Compreendemos que o texto apresenta diversas facetas de interpretação. E é através dessa relação de sentidos que se destina parte do seu enunciado, inseridos num jogo constante de palavras, em termos nem sempre explícitos e possuidor de imprecisão. Imprecisão no sentido de apresentar um conteúdo com falta de clareza, vago; subordinado por uma interpretação subjetiva. Embora a subjetividade seja claramente possível em questões interpretativas. Desse modo, entendemos que o texto perpassa aspectos ideológicos:

Nos referimos ao fato de algumas idéias jogarem um papel-chave na escolha das alternativas a serem objetivadas em cada momento histórico. Tais idéias compõem, sempre, uma visão de mundo, e auxiliam os homens na tomada de posição frente aos grandes problemas de cada época, bem como frente aos pequenos e passageiros dilemas da vida cotidiana. [...] esse conjunto de idéias é denominado *ideologia*. (LESSA, s.d apud VOESE, 2004, p.55, grifos do autor).

Não é só por que o texto perpassa aspectos ideológicos que determinamos empiricamente a ideologia, mas também por atender um legado de fatores contribuintes da formação ideológica. Fatores que formariam o funcionamento dos aparelhos ideológicos e repressores: ARE (Aparelhos Repressores) e AIE (Aparelhos Ideológicos) determinados por Brandão:

[...] Aparelhos Repressores — ARE— (compreendendo o governo, a administração, o Exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc.) e Aparelhos Ideológicos —AIE— (compreendendo instituições tais como: a

⁵ Sobre a língua, ver Voese (2004, p. 29-32).

religião, a escola, a família, o Direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação), [...] (BRANDÃO, 1995, p. 22).

Para entendermos a vértice da ideologia, recorreremos ao conceito de Brandão (1995) que apresenta algumas colocações feitas por Marx e Engels, em torno do fenômeno. Em seu texto *O conceito de ideologia*, Brandão (1995) cita Althusser para explicar o funcionamento do ARE e do AIE, apontando as diferenças na forma de funcionamento dos dois aparelhos. Para a autora há uma diferença entre os dois aparelhos, embora tanto um quanto o outro sejam instituídos ou designados pela ideologia. Retomamos a Brandão, para concluir nosso pensamento sobre as diferenças de cada um dos aparelhos. É que há um fator de inversão nos dois casos. Enquanto o ARE funciona de maneira dominante cedido pela repressão (punição ou coibição), também funciona subordinado por um sistema de ideias denominada ideologia. Já o AIE funciona de maneira dominante cedido pela ideologia, subordinado pela força da repressão, ou seja, um é determinante do outro.

Nesse sentido, postulamos que a ideologia não é só um conceito filosófico, que envolve a atividade humana de pensar e agir de acordo com a realidade. Para tanto, Brandão cita os filósofos Marx, Engels e Althusser, para reformular esse conceito. Para os alemães Marx e Engels, o termo ideologia possui a semiologia esquivada, prevalente do ato de domínio. Já em Althusser, esse mesmo conceito é aceito, porém esse domínio é sustentado pelos AIE.

Althusser assinala que, como todo funcionamento da ideologia dominante está concentrada no AIE, a hegemonia ideológica exercida através deles é importante para se criarem as condições necessárias para reprodução das relações de produção. (ALTHUSSER, 1974 apud BRANDÃO, 1995, p.22)

Por isso, cada vez que buscamos informações/estudos sobre ideologia, encontramos situações como a apontada. Analisada por diferentes ângulos, “o termo ideologia é ainda hoje uma noção confusa e controversa”, aponta Brandão (p. 19).

Isso torna evidente quando analisamos Althusser, citado por Mussalin em que se define a ideologia como algo que não inclui as atividades conscientes de um indivíduo; assim resumindo:

A ideologia é bem um sistema de representações: mas estas representações não têm, na maior parte do tempo, nada a ver com a “consciência”: elas são na maior parte das vezes imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas impõem à maioria dos homens, sem passar por suas consciências⁶. (ALTHUSSER, 1970 apud MUSSALIN, 2006, p.110).

⁶ Althusser (1970) é citado em Maingueneau, 1990. p. 69.

Assim, a ideologia nada mais é que a consagração do discurso, pois parte da ideologia se constrói a partir de um dado discurso. Para celebrar uma missa, um padre usa o discurso religioso, então as ideologias ou convenções também serão de ordem sacro-religiosa. Não há possibilidades, por exemplo, do padre instituir outra ideologia senão aquela pertinente a religiosidade.

Para encerrar nossos apontamentos sobre o processo de AD, resta-nos falar da subjetividade. E para refletir sobre o assunto iluminamos sob os fundamentos de Brandão que incorpora Benveniste (1966). A subjetividade é o processo em que o sujeito se assume no discurso por meio da língua numa interferência do ato da fala persuadido pelo locutório. Ao se introduzir na enunciação, o sujeito torna imanente subjetivo; enquanto “eu é pessoa subjetiva e tu pessoa não-subjetiva, BRANDÃO (1995). Portanto, a locução torna o principal ponto de referência da subjetividade, pois é a partir dessa particularidade que se dá esse processo. E como parte desse todo situa a posição do sujeito, como criador de sua própria personalidade no discurso.

Esse paralelo se torna um confronto: “o sujeito é um *eu* que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com *tu* — alocutório — opondo-se ambos a não-pessoa, ele (eu — tu x ele)”, (BRANDÃO, p.49, grifos do autor). Contudo entendemos que a subjetividade é construída pela pessoa, marcada pela inserção dos pronomes pessoais eu, tu e ele. “Eu” pronome pessoal que demarca subjetividade e “Tu” pronome pessoal que não demarca subjetividade. O “Ele”, embora não tenha a marca da pessoa na instituição da subjetividade, se desenvolve mesmo sem ter relação com a construção da subjetividade. O “Tu”, é marcado pela não subjetividade. Essa oposição demarcada pelo pronome Ele na constituição ou não da subjetividade é explicada por Brandão (1995) na seguinte ordem:

Em oposição ao *eu* e ao *tu* que têm a marca da pessoa, tem-se o *ele*, a não-pessoa (o ausente dos gramáticos árabes) que, não tendo a marca da pessoa, não refere um indivíduo específico; relata, dessa forma, um processo que desenvolve fora da relação da subjetividade (Ibid., p. 47)

Para explicar essa relação Brandão (p. 47), postula que “apesar disso nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares e ao mesmo tempo reversíveis”. Entretanto a subjetividade se dá mesmo sem a enunciação do eu, devido à inerência da constituição da linguagem.

E através desta linha reflexiva que se originam as premissas da construção da subjetividade. Voese (2004) em “Discurso e Subjetividade” faz uma pressuposição abordando a relação entre o sujeito e o discurso.

Os indivíduos quando falam, não partem do nada: eles falam de algo, ou seja, antes de falar, o enunciante deve ter se apropriado daquilo sobre o que vai falar. O indivíduo, pois, atuará com elementos simbólicos que se referem a diferentes esferas da genericidade humana e cada apropriação significa um acréscimo referencial que amplia as possibilidades e o alcance dos processos seguintes. (Ibid., p.76).

Nessa linha de raciocínio, consideramos que o discurso como um todo é permeado pela significação é o principal objeto que impulsiona a materialidade da AD. A palavra discurso implica diferentes entendimentos, principalmente para quem trabalha com questões discursivas. A corrente francesa acredita que os discursos são textos, concebidos pela manifestação oral, verbal e não verbal. De forma que qualquer manifestação instituída pela linguagem dotada de sentido pode ser considerada um discurso.

1.2 O Texto e o Discurso Jornalístico Midiático Televisivo

O discurso “como a própria palavra indica, origina-se do latim *discurrere*, que por sua vez vem do próprio latim e significa discorrer, atravessar, expor”. (SERRA, 2001, p.28, grifos do autor). O discurso midiático, principalmente o televisivo, que é o que mais nos interessa discorrer aqui, se configura pela natureza pelo qual é apresentado. No entanto, há a necessidade de combinação de outros discursos para dar conta e legitimar unicamente o discurso midiático.

A combinação de vários discursos provocada pelo discurso midiático é responsável pela natureza metaforizante da prática discursiva midiática. Este fato de assimilar parte da dimensão discursiva de outros saberes contribui para a função de mediação pela qual o discurso midiático é responsável. (Ibid., p.37).

Entretanto o discurso midiático televisivo exige algumas convenções quando este é subsidiado por diferentes representações. Por um lado, existe a linguagem ligada às imagens reforçando o contexto e por outro lado, a persuasão, caracterizada pela sacralização desse evento. A linguagem quando estabelece um objetivo, tende a percorrer um percurso menos ou

mais formal; no caso das mídias, objetiva-se que o receptor acolha os termos de diferentes pontos. Nesse caso, a linguagem torna-se intencional na esfera da persuasão, admitindo a vigência dos fatos.

A natureza de um discurso só é determinada de acordo os elementos pelo qual é construído. Se o discurso apresentar natureza científica, obviamente os elementos da linguagem serão derivados da linguagem científica, determinado pela área de conhecimento; ou seja, para a medicina, um médico usa termos concedidos àquela área. Mas como avaliar esse caso, em uma situação midiática? Acreditamos e defendemos que deve ser mantida a originalidade dos termos, mas fica evidente a precisão de se adequar algumas palavras no sentido de atingir um público sem experiência lingüística dominante.

Os discursos midiáticos consistem em discursos abertos, públicos, entendidos por muitos, dado o interesse generalizado que suscitam. Desse modo a mídia quando usa termos científicos, expressa-os em palavras de domínio público, atribui a determinados termos científicos, significados mais populares.(Ibid., p. 36-37).

No caso das reportagens escritas, os textos adquirem a mesma consistência de conteúdo, mas diferenciam-se na linguagem, quando esta é reportada oralmente. Para tanto basta observar uma mesma notícia recebida via televisão ou rádio e quando essa é transmitida através do jornal escrito. Mesmo portando dessa característica, o texto midiático consegue estabelecer contato com o leitor. E por mais imprescindível que seja a linguagem também funciona como o meio que vai estabelecer maior interação entre o leitor e o texto. Para entender a funcionalidade de um jornal é importante conhecer suas partes de composição, mesmo pormenorizando alguns detalhes. Os recursos que se utiliza para falar de algo são inesgotáveis. No entanto, alguns são determinantes nesse sentido. Os leads são partes do jornal que compreende pela natureza de sua função.

É portanto, a parte mais importante da notícia e deve ser provocativo [...]. Lembrem os manuais de jornalismo que ele deve ser original, pois tem a missão de atrair e prender a atenção do leitor, mas não pode deixar de ser adequado e indicar desde já a abordagem pretendida pelo texto. (BAHIA, 2005, p. 68)

Através dos leads, o leitor conduz melhor sua leitura. A informação indica ao leitor em primeira mão o assunto da notícia que é obrigatoriamente apresentado nos leads. Isso deve ser feito de forma bastante direta, clara e simples, tendo como objetivo resumir as ideias da notícia.

O editorial assim como os *leads* é específico dos jornais e revistas. O objetivo do editorial é informar de forma opinativa sobre o assunto tratado. Esse tipo de tipologia textual não tem um responsável (impessoalidade), ou seja, não é apontado quem é o autor do texto. Dessa forma, o editorial perpassa a subjetividade integrada pelo emissor e pelo receptor, nesse caso a reportagem e o expectador. Passando assim a ser mais opinativo que informativo, uma vez que a sequência narrada é permeada por opiniões e não necessariamente pelos fatos em si. É claro que o fato tem que existir para formar uma opinião. Pois o fato é a informação e a opinião é a interpretação dos fatos.

Podemos dizer que o editorial é um texto dissertativo, pois os argumentos relacionados ao tema tratado, nada mais é que um ponto de vista, ou seja, uma opinião. Diferente do editorial, a manchete é mais objetiva. Por ser a parte do jornal de maior destaque, a manchete tem prioridades fundamentais visando ao leitor e/ou expectadores.

Uma manchete pode ser composta por um antetítulo, a manchete propriamente dita e um subtítulo. A manchete apresenta-se com letras grandes e geralmente com corpo tipográfico largo, em negrito ou algo que dê destaque ao texto que se apresenta. Sintetiza o conteúdo da notícia. (CAMPOS, 2014, p.5).

A manchete é uma simples nota que é mostrada pelo antetítulo que antecede a manchete propriamente dita. Já o subtítulo descreve claramente a manchete, explicando para o leitor e/ou expectador a notícia que será transmitida.

Na manchete não é preciso descrever todos os detalhes da notícia, pois isso é tarefa eminente desenvolvida pela notícia em si. Recomenda-se que a manchete não seja extensa, visto que os fatos devem ser explicados no desenvolver da notícia. Por ser da natureza midiática o jornal vem integrando não só o dia a dia de um cidadão em busca de informação, mas também na educação como meio de aprendizagem para a leitura e redação.

O midiático tem sido um possível aliado para reverter à crise da educação do século XXI. Estudiosos apostam em possibilidades de reversão da situação educacional, principalmente no Brasil usando recursos de mídias. O jornal, compreendendo o contexto social e incluindo-o no educacional, nos sugere a prática na sala de aula. Através da sua composição, é possível desenvolver aulas visando um determinado objetivo, inserido em um conteúdo disciplinar.

Apesar da impressão que se faz do jornal sabemos que ele não serve só para nos informar. Fonte de informação é só um dos clichês que formulamos a respeito deste recurso midiático. E por isso, buscamos uma reflexão em relação ao que seria o trabalho com o jornal

na sala de aula. No entanto, destacamos algumas observações que se fazem necessárias quando o assunto são as mídias, nesse caso, o jornal. É importante saber o que diz e o que pensa alguns teóricos a respeito das posições dos jornais ao publicarem suas notas, levando em consideração a natureza do gênero.

Para eles são necessários certos cuidados com os artifícios da mídia, pois eles ao manejados mais pelo imagético do que pela fala, no caso do televisivo: “O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, que se materializam em símbolos, alegorias, rituais e mitos” (GREGOLIN, 2003, p.97), ou seja, o espectador associa a imagem com o discurso do locutor. Em alguns casos, essa formulação é fator primordial para funcionamento do próprio gênero. Para Baczko (1985):

A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas. (BACZKO 1985, apud GREGOLIN, 2003, p.97).

A relação leitor e realidade são equilibradas pela mediação através da mídia. O leitor/espectador é induzido a uma prática que manipula. “O que os textos da mídia oferecem não é realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (Ibid., p.97). O conhecimento do que é ou não determinada coisa, se dá em alguns casos através de estímulos que surgem a partir do simulacro. A palavra simulacro vem do latim *simulacrum* e se define por modificar nossos sentidos através de imagens. Para a filosofia, o simulacro surge através das sensações:

É somente pelas sensações que conhecemos as coisas, mas na medida em que essas sensações são produzidas por simulacros, ou seja, por espécies de finos invólucros suscetíveis de nos transmitir a "imagem" das coisas e de afetar nossos sentidos. E assim que nasce a sensação, que nos fornece fielmente a imagem dos objetos originais, mas sem a sua força. As ilusões dos sentidos se explicam pelas modificações dos simulacros em seu trajeto até nós. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 175)

A função de um noticiário limita-se a ação informativa, porém é comum transformar as notícias em algo que vá além da informação:

[...] o jornal inquieta-se muito com a notícia que deve divulgar, [...] na medida em que transforma notícia em mercadoria. Com isso a notícia apela para a emoção, para o sensacionalismo, bem como para uma estética de mercado, ganhando aspectos que não são apenas informativos. (MARCONDES; MENEZES; TOSHIMITSU, 2003, p.18).

Em 2004 Rancière, publicou no jornal Folha de São Paulo o desfecho de uma notícia impactante, que aconteceu em um trem na França. Uma jovem foi brutalmente agredida fisicamente por um grupo de jovens negros e magrebinos. Alvo de preconceito, os magrebinos são pessoas imigrantes e pobres, naturais da região Norte da África. Entretanto, o que causou indignação foi o comportamento passivo dos passageiros que não socorreram a moça agredida. O noticiário local desdobrou o acontecimento de tal maneira que os fatos passaram a ter outra direção. A população indignou-se pelo ocorrido e nos jornais multiplicavam-se as opiniões sobre a conduta dos jovens. Contudo, dois dias depois a história teve outro desfecho. A suposta vítima havia planejado e combinado a agressão para chamar a atenção do seu companheiro. De fato houve a agressão, mas de forma alguma os fatos evidenciam a veracidade concreta e sem máscaras.

Os acontecimentos não eram verdadeiros, e a disparidade da divulgação dos fatos tornava a realidade puramente abstrata. Rancière (2004) classifica esse tipo de fenômeno como um “fenômeno de sociedade”, aquele que se move dentro de outro já existente. De certo modo, os fatos tinham natureza particular, individual; pois a moça optou por fazer algo para fim próprio. Mas por alguma razão, a interpretação dos acontecimentos desvia da forma objetiva. Não houve a necessidade de apelar para os reais motivos daquele episódio, pois o mesmo já lacerava de forma mais contundente e plausível para a sociedade. Divulgar os motivos que levou a jovem a fazer o que fez, não era interessante e bom suficiente para um espetáculo. Por isso, o fenômeno da sociedade como aponta Rancière se manifesta sem ponderação:

É preciso que sempre haja acontecimentos, [...] acontecimentos particulares que ocorrem num ponto qualquer da sociedade a pessoas comuns, [...] acontecimentos que constituem sintomas por meio dos quais o sentido global de uma sociedade possa ser lido; acontecimentos que atraem uma interpretação, mas uma interpretação que já está aí antes deles. (Ibid., p.2).

O fato da pré-existência ser antecedente a formulação do acontecimento, faz com que a interpretação seja algo já esperado. No caso da agressão, um aspecto importante que materializa a pré-existência reside no fato de os supostos agressores (magrebinos) serem alvos de preconceito. Dessa forma, qualquer atitude referente a esses jovens seria interpretada como suspeita, preexistindo ao acontecimento. A preexistência é como um conceito já elaborado e que se aplica em casos semelhante ao que citamos.

A sociedade já está condicionada, de certo modo, a respaldar tudo o que a própria sociedade convém. É como se a massa não tivesse que se misturar ao fermento para levedar.

Não se trata aqui de apontar somente o que a sociedade faz no meio em que a circunda, mas de reagir e talvez até impor questionamentos que justificam uma reação. Necessariamente, a sociedade atende a uma expectativa já projetada, sem protótipo. Se for ou não um equívoco, a manete dos fatos se justapõe em qualquer circunstância, ou seja, ser verdadeiro ou mentira não desgasta os fatos, desde que eles tragam a legitimidade de um espetáculo para causar reações no público.

Para Rancière (2004), a sociedade trabalha com a pré-existência e/ou rótulos, de forma que a interpretação preexiste ao acontecimento, ou seja, quando um acontecimento torna notícia, a sociedade já tem uma interpretação formulada sobre o fato, como se fosse um rótulo impresso em um produto. Ainda segundo o autor os acontecimentos são de fato o produto que abastece a máquina. Referimos a máquina para denotar o sistema que rege sob o ângulo midiático, pois a mídia necessita de acontecimentos que circulam com formulação já esperada, mesmo sem deter o quê e para quê. Necessariamente não é preciso que algo apenas aconteça, mas que esses acontecimentos adquiram uma interpretação já formulada.

Por causa disso, os acontecimentos numa reação interpretativa provocam a contraposição da realidade. “Acreditamos no que ouvimos e vemos porque acreditamos no suporte” (MENEZES, B; TOSHIMITSU, T; MARCONDES, G, 2003, p.23). Nesse caso, um fator predomina para que acreditemos em um suporte: por exemplo, a televisão fornece a imagem, que completa a razão lógica dos fatos e em muitos casos inquestionáveis. Num discurso sem imagens, a força dos argumentos ganha reforço pela natureza de quem o faz.

É fato que quando lemos ou ouvimos uma notícia estamos em contato com uma dimensão fora dos aspectos reais instantâneos. Em alguns casos temos a instantaneidade, mas nem sempre a realidade condiz com essa condição. E quando os fatos são reais, talvez essa realidade seja manipulada por fatores externos a própria realidade, como a maneira na qual as notícias são transmitidas e exibidas; implicando e dependendo da interpretação de quem se apropria do conteúdo.

1.3 Ensino de Leitura e Redação e Grau de Interpretação

A leitura é todo e qualquer exercício de compreensão através da linguagem, e ler é “percorrer com a vista, (texto, sintagma, palavra), interpretando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos (alfabéticos, ideográficos) e os

sinais linguísticos próprios de uma língua natural (fonemas, palavras, indicações gramaticais)” (HOUAISS, 2007, S/N).

Para o exercício de leitura postulamos duas técnicas processuais importantes: a leitura interna, visando à apropriação do assunto geral do texto e a externa, inserida num contexto de acordo com a percepção do leitor. Ou seja, na primeira o leitor integra-se do assunto e na segunda, contextualiza os fatos contidos no texto. Esse será um dos assuntos a se tratar no nosso próximo tópico.

Mas como praticar e tornar a leitura uma atividade habitual? A resposta é sempre vaga e nem sempre cabe a todos. Ainda mais quando se trata dessa prática na sala de aula. Levar a leitura para a sala de aula é considerada por muitos professores uma dificuldade, torná-la um prazer entre os alunos é um desafio. E o mesmo acontece com o exercício da redação.

Escrever uma redação costuma ser uma das partes mais “complicadas” tanto para o aluno quanto para o professor. É árduo para o aluno quando ele não domina as habilidades necessárias de escrita e para o professor que tem a função de analisar o que foi escrito; uma vez ignorando e por outra considerando o conjunto do que o aluno escreveu.

Para bem escrever, faz-se necessário o uso de regras e/ou normas que internalizam a escrita. As normas são conjuntos de princípios que dão condições para a formação de um texto estruturado e uniforme. A estrutura de um texto depende da organização de princípios gramaticais até a compreensão do seu sentido completo. É interessante atentar-se as questões gramaticais devido à função que rege cada uma. No caso da concordância, da coesão e coerência, observa que cada uma delas tem funções imprescindíveis na formação de redação. Pois, a concatenação das ideias de um texto depende do funcionamento regular desse formato de escrita.

Ainda que estruturada gramaticalmente, uma redação depende de outros fatores, que é a organização física do texto; os parágrafos, e a distribuição das ideias perpassando os aspectos de introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, expõe-se com objetividade o assunto que se manifesta no decorrer do desenvolvimento do texto. As ideias que percorrem o desenvolvimento são “amarradas” na finalização da escrita.

A redação – em resumo: redigir, no sentido aqui usado, é apresentar claramente uma idéia, transformá-la em problema, desenvolvê-la em seus vários aspectos e concluir apresentando soluções para as questões levantadas (ANDRADE, [200-], p.7).

Normalmente, a conclusão exige concisão e trata-se de uma brevidade do que já foi apresentado no texto. Por um lado, Eduardo Martins, no Manual de Redação e Estilo (1997), nos chama atenção para a seguinte questão:

Hoje, fala-se e escreve-se pior que em gerações passadas. E as redações brasileiras não são nenhum oásis nesse deserto. Mas, se padecem da mesma síndrome que ataca nos exames para vestibular [...], as redações podem e devem se converter em sólidas trincheiras de defesa do conhecimento da língua. (MARTINS, 1997, p.6).

O Manual de Redação e Estilo (1997) é um guia que direciona escritores orientando-os para evitar os deslizos de escrita de um texto jornalístico. Por outro lado, dificilmente acreditamos chegar a atingir a uniformização da produção textual na sala de aula. Em um âmbito específico como o jornalístico, consideramos a possibilidade de se chegar numa estética de elegância comprometida com os aspectos de escrita formal de uma produção textual.

Retomando e antes de discorrer sobre o assunto vamos definir o que é redação. Toda composição escrita que apresenta, desenvolve e conclui uma ideia, pode ser considerada uma redação dissertativa. O ato de dissertar, implica a opinião formadora das ideias de quem redigi uma redação.

Entre os atos de escrever e ler, o ato de escrever exige maior competência; pois a composição para redigir um texto segue uma linearidade: introdução, desenvolvimento e conclusão do assunto. E é através dessas três partes que o texto toma forma e sentido. Destinamos parte do tópico seguinte para o aprofundamento e detalhamento do assunto sob abordagem do autor Andrade, que discorre sobre como escrever uma redação.

Convenientemente, achamos interessante a proposta do autor Geraldi (2002) em seu texto *A prática de leitura de textos*, no exercício da prática de ler. Para o autor algumas estratégias são pré-requisitos para que tanto a leitura quanto a redação não se tornem um sacrilégio na sala de aula. Para o exercício de leitura, Geraldi, propõe que se trabalhe com o aluno as narrativas longas, pois elas possuem artifícios que prenderá o leitor por mais tempo, pois “é o enredo que enreda o leitor (GERALDI, 2002, p. 60)”, dessa forma sugere-se que a leitura seja feita uma vez na semana. Não necessariamente deve-se ler todo dia.

Outra estratégia pontuada pelo autor é a não cobrança da leitura, “é preferível até que um aluno diga ao professor que terminou de ler um romance, embora não tenha lido, do que o professor, “cobrar” tal leitura, (Ibid., p.61)”. Dessa forma o que levamos em conta não é o

fato de o aluno não ter lido, mas o que o levou a não ler. Por isso, estabelece paradigmas que sustentam da seguinte forma: primeiro é preciso saber ler, gostar de ler e escolher o que ler.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, de entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982 apud GERALDI 2003, p.91).

Também não me atentaria em qualificar o leitor pelo gosto de ler Machado de Assis ou Shakespeare. Já a escolha, essa transita entre gêneros, tipologias, etc.

Ambas (leitura e redação) são diferentes, mas uma é membro da outra; pois a linguagem oral é diferente da escrita, são equivalentes, mas diferentes. E se o aluno não consegue entender o que está lendo, dificilmente ele prosseguirá na leitura. Isso torna um problema na sala de aula, pois o aluno desiste no primeiro momento de dificuldade.

Então o que fazer para que isso não aconteça? Não me parece ser fácil encontrar a resposta, entretanto, uma resposta me faz necessária, só é possível entender determinada coisa tendo contato com ela. Para Geraldi (2003, p. 92), “Na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis”. Ainda sobre ler e produzir um texto o autor afirma que a produção da redação é um sofrimento não só para os alunos, mas também para os professores, pois essa prática se dá num intercâmbio envolvendo tanto o docente quanto o discente.

Para Koch, o conhecimento lingüístico restringe-se ao domínio gramatical/lexical, pois é através da função gramatical e lexical que o texto se organiza; “é ele o responsável, por exemplo, pela organização do material lingüístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição [...]” (KOCH, 2002, p. 32).

Racionalmente todo indivíduo armazena na memória algum tipo de conhecimento de mundo; dessa forma cria-se o conhecimento enciclopédico, aquele que dá base para a formulação de uma posição perante determinada situação. “É com base em tais modelos, por exemplo, que se levantam hipóteses, a partir de uma manchete; que se criam expectativas sobre o (s) campo (s) lexical (ais) a ser (em) explorado (s) no texto [...]” (Ibid., p. 32).

Contudo o conhecimento interacional engloba outros tipos de conhecimentos: ilocucional, comunicacional, metacomunicativo⁷ e superestrutural. Cada um deles contribui

⁷ Sobre o conhecimento ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural, ver (Koch, 2002, p. 32-34) Sistemas de Conhecimento Acessados por Ocasão Do Processamento Textual.

para o processamento das idéias de um texto. Portanto, interpretar um texto exige conhecimentos e estratégias. As estratégias⁸ cognitivas, na acepção de Van Dijk & Kintch (1983:65), citado por Koch, revela que um texto consiste de diferentes estratégias processuais.

Para Bruni, não existe idade determinada para o aprendizado de leitura interpretativa. É compreensível que o ato mecânico de aprender a ler inicia aos sete anos, idade em que o indivíduo já se apropriou de alguns mecanismos da língua; pois a prática leitora é tarefa de toda uma vida, sem previsão de começo e fim. Ainda segundo o autor, o texto perpassa dimensões variáveis: “[...] uma obra inteira, com vários volumes; um livro inteiro; uma parte de um livro, com vários capítulos; um item de um capítulo [...]” (BRUNI, [200-], p. 1).

Mas afinal, o que é ler? Ler não é só codificar signos, mas é também formar um conceito de acordo com uma interpretação pessoal, contextualizada. A leitura exercita a memória para o desenvolvimento do raciocínio e pensamento crítico. Nesse sentido, ressaltamos que o ato ler passa a ser um processo mais complexo. Pois o leitor desse patamar formula as ideias do texto baseando em alguma outra leitura, ou seja, outro conhecimento.

E quando o assunto é leitura, não podemos deixar de comentar duas palavras: letrado e iletrado. Letrado diz ser aquele que possui erudição, conhecimento; e iletrado aquele que não tem conhecimento, quase analfabeto. Portanto um aluno letrado possui atributos que vão além de saber codificar signos, é o aluno que domina a leitura não só pelo ato de escrever.

Para entendermos melhor o assunto no qual tratamos nesse tópico, recorremos ao autor Bruni, que apresenta detalhes do funcionamento de algumas técnicas de como ler. E para compreensão da escrita (redação), o autor José Aluysio Reis de Andrade reforça três procedimentos imprescindíveis no processo da produção de redação. Portanto, o tópico seguinte trará a explicação e opinião dos dois autores, pontuando o que cada um defende do assunto.

1.4 Ensino de Leitura e Redação: Proposta de um Método de Aprendizagem

A palavra método vem do grego (*methodos*), que se forma da associação das palavras *meta* (por meio de) e *hodos* (via, caminho).

Propusemos um método baseado em técnicas apresentado por Bruni [200-] para o ensino de leitura e redação, juntamente com a proposta do Currículo do estado de São Paulo.

⁸ As estratégias de processamento textual implicam, portanto, a mobilização “online” dos diversos sistemas de conhecimento (Ibid., 2002, p.34).

Propor um método é o principal foco deste trabalho e para consolidar o tema exporemos o que os autores Bruni e Andrade apontam com relevância e práxis para funcionamento do método. No tópico 1.3 apontamos a postulação dos autores com relação à leitura e a escrita. E como propomos um método de aprendizagem baseando-se na concepção dos dois autores, obrigatoriamente explicaremos cada um deles.

Primeiro vamos falar da leitura, assunto tratado por Bruni. Como vimos anteriormente, o autor aponta uma metodologia de como ler dividindo a leitura em dois exercícios. A leitura interna e a leitura externa. A leitura interna parte da ideia central do texto, em que o leitor toma conhecimento do enunciado, “Este deve ser o princípio que deve nortear toda leitura” (BRUNI, p.1). Já a análise externa parte de informações que não está explicitamente no texto, mas que possivelmente pode explicá-las.

Basicamente a leitura interna perpassa processos superficiais, no entanto a superficialidade desses processos é a sustentação para a leitura externa (contexto). A ideia básica e as ideias secundárias compõem a estrutura geral do texto. Considerada a mais superficial, a ideia básica objetiva apresentar ao leitor uma visão geral do assunto tratado no texto, enquanto a secundária é subordinada da básica, ou seja, a secundária mantém a ideia principal encadeando-a por outras.

Para Bruni, a ideia básica de um texto não está em um ponto fixo, isolado, mas o percorre inteiro. Por essa razão, determina que um texto deva ser lido por completo para uma visão conjunta do todo. Essa é a primeira regra de leitura instaurada pelo autor. Em outras palavras, ler apenas o início ou o fim de um livro compromete a visão geral do conteúdo. “Nesta leitura, deve-se procurar prestar atenção apenas para o importante, deixando-se de lado os pormenores, o que não é essencial, como por exemplos, repetições, dados ilustrativos, etc”. (Ibid., p. 2).

A segunda regra formulada pelo autor estabelece o critério de reler o texto para identificação das idéias secundárias (elementos relacionados à ideia central). “Esta leitura, já mais aprofundada do que a anterior, deve prestar mais atenção aos pormenores, aos elementos subordinada à ideia central, como os exemplos, os dados ilustrativos, etc... [...]” (Ibid., p.2).

Ainda resta falar de dois princípios que norteiam uma leitura produtiva: os conceitos e os níveis de texto. Um texto é composto por várias partes, essas partes são compostas por elementos que denominamos conceitos. Os conceitos de um texto resumem-se ao ponto de vista de cada leitor, e por isso que para analisar profundamente um texto, exige-se a execução da terceira regra: ler o texto pela terceira vez.

Trata-se, evidentemente, da leitura, mais cuidadosa, mais minuciosa. Não é imprescindível ter-se em mente — a cada momento — a ideia básica, mas sim deve-se tentar compreender as minúcias das idéias, ou antes, os elementos mínimos de que estão formadas. Procura-se, então, determinar o sentido de cada palavra, servindo-se das indicações dadas no próprio texto. (Ibid., p.3).

Para assegurar os processos da leitura interna de um texto resta-nos fixar os níveis de texto. Os níveis de um texto correspondem à alguns itens já mencionados, à ideia, à estrutura e aos conceitos. Uma vez que o leitor identifica cada um, naturalmente são estabelecidos os níveis do texto. Vale salientar que um texto pode ter outros níveis, embora não sejam tão importantes podem servir para direcionar uma leitura, “por exemplo, devemos tomar cuidado com os recursos de estilo, como a ironia, para não confundir o que o autor afirma, com aquilo que ele próprio critica”. (Ibid., p.3).

Pode parecer exaustivo, mas um texto para ser bem compreendido deve ser lido atentando às sugestões grafadas anteriormente, contudo, o exercício da leitura é algo que precisa ser feito constantemente. Essa prática pode tornar dispensável alguns dos itens mencionados, por exemplo, ler o texto mais de duas vezes.

Quando falamos de texto, duas situações aparecem: a palavra e o contexto em que está inserida. A palavra é o texto em si, já o contexto é a contribuição das palavras para gerar sentido no texto. Dessa forma instaura-se a leitura externa, materializada pelo contexto presente em um texto.

O contexto lógico é composto pelos elementos de ordem intelectual que envolve o texto. Tudo aquilo que antecede logicamente o texto e de que o texto depende pode ser chamados de os **pressupostos** do texto. Todas as conseqüências que o texto acarreta tudo aquilo a que o texto leva pode ser chamado de as **implicações** do texto. (Ibid., p.3-4, grifos do autor).

Estabelecida essa relação, o texto pode ser debatido a ponto de chegar a um julgamento, compreendendo críticas, rejeição e aceitação. Podemos notar que a leitura é um processo que exige prática e domínio de alguns requisitos, como apresentado. Não tão diferente acontece com a escrita, só que em grau maior de dificuldade, por exemplo, redigir um texto científico. Para Andrade a redação científica é mais complexa e exige alguns requisitos.

Em primeiro lugar, supõe o pleno domínio da língua vernácula, isto é, exige conhecimentos gramaticais básicos, sobretudo de regência, de concordância, de ortografia, de pontuação e o uso adequado das orações, dos períodos e

dos parágrafos. Em segundo lugar, requer um razoável domínio do vocabulário [...]. (ANDRADE, [200-], p.4)

No entanto, toda e qualquer redação, texto escrito com sentido, é composta por três partes: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Na introdução apresenta-se e indica o tema e de que forma ele vai ser abordado. É na introdução que o leitor encontra às preliminares que permeará o texto. Uma vez feito tal procedimento, o desenvolvimento busca responder as questões propostas na introdução, “a boa introdução questiona o tema, transforma-o numa interrogação e num desafio. O que vem depois é a resposta”. (Ibid., p.6).

Como a própria palavra diz, o desenvolvimento é a parte em que são desenvolvidas as ideias apresentadas na introdução. Também chamado de meio do texto, o desenvolvimento consiste na explicação das ideias (básica e secundária) que se propõe ao longo da escrita, entre elas o tema discutido, “Quem escreve um texto tem que se preocupar com o desenvolvimento de uma ideia básica, através de idéias secundárias e através de conceitos”. (Ibid., p.6). Para que o desenvolvimento de um texto seja bem elaborado, alguns cuidados devem ser tomados, como por exemplo, evitar repetições de palavras ou até mesmo estruturas maiores.

Concluir um texto nem sempre é tarefa fácil, retomar as colocações da introdução e amarrar as ideias do desenvolvimento exige precisão e concisão. A conclusão tem a função de:

relacionar de forma resumida e precisa, o problema colocado na introdução com o que foi exposto no desenvolvimento. Deve-se procurar relacionar os resultados a que se chegou na exposição, com a questão básica proposta na introdução, de forma que o leitor fique com uma idéia global do que acabou de ler. (Ibid., p.7).

Portanto, finalizar ou concluir um texto é tão importante quanto às outras partes de um texto. A não conclusão das ideias em um texto causa o efeito destoante do tema, pois são justamente os argumentos acerca do tema que subsidiarão a conclusão, ou seja, dar respostas as questões levantadas no desenvolvimento.

Essas são considerações que acreditamos plausíveis tanto para a leitura de texto quanto para a escrita de redação. Pedagogicamente, há outras considerações que pautadas nesse aspecto também funcionam, ainda mais quando buscamos refletir sobre a aprendizagem. Para tanto atentamos aos estudos e estudiosos que apontam novos caminhos em busca de resposta para melhorar a aprendizagem.

Em entrevista a revista *Atividades & Experiências* (2008), a pedagoga Thereza Bordoni explica a importância de trabalhar as habilidades e competências na sala de aula. Para ela é imprescindível que a escola se conscientize e busque através dessas duas abordagens pedagógicas o trabalho incessante com os alunos. Uma das possibilidades de aprendizagem abordada pela autora é a dinâmica, em que o aluno interage com o conteúdo. Pois um dos principais objetivos da dinâmica é de romper com o sentido unilateral (professor de um lado e aluno do outro), passando a ser somado ao sentido transversal (aluno e professor, mesma interação). Quando interrogada sobre quais as principais habilidades trabalhar na escola, a autora respondeu:

Nossos alunos devem aprender a buscar soluções, ou melhor, a fazer parte da solução, e não do “apontar problemas”, aprender a buscar alternativas diante de uma situação complexa. As instituições educacionais [...] devem proporcionar aos alunos situações e atividades que os oportunizem a utilizar ou desenvolver habilidades para analisar, pesquisar, fazer perguntas, enfim, usar de forma criativa e contextualizada o conhecimento construindo no meio escolar ou trazidos de sua história de vida. (BORDONI, 2008, p.14)

Muito se tem discutido a cerca desse assunto. Entendendo que habilidade é aquilo que o aluno sabe fazer e a competência, a soma desses saberes. Com isso, o ensino pautado nesse caráter pode preparar melhor o aluno para resolver questões existentes no exercício de leitura e de escrita. Para Ceccon (1983), “o modo como a escola ensina não ajuda o aluno a aprender a aprender”. O aluno passa um período do dia dedicando aos estudos até certa fase da vida, mas muitos saem da escola sem saber usar o que aprendeu na escola, ou seja, o aluno não desenvolver habilidades para tornar-se competente. E isso acontece com certa frequência quando o assunto é o ensino de redação.

Apesar disto, o resultado da proficiência⁹ em Língua Portuguesa dos alunos da terceira série do Ensino médio apontado pelo Relatório Pedagógico de 2013 através do SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), a nível de estado, (São Paulo), mostra que 59,6% dos alunos obtiveram média de proficiência classificada Suficiente.

Veamos no quadro a explicação das classificações e níveis de proficiência, apontados pelo Relatório Pedagógico do SARESP 2013:

⁹ A capacidade ou conhecimento que o aluno possui ao realizar determinada tarefa, considerada como resultado do fazer e fazer bem, com bom aproveitamento.

Classificação	Níveis de Proficiência	Descrição
Insuficiente	Abaixo do Básico	Os alunos, neste nível, demonstram domínio insuficiente dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para o ano/série escolar em que se encontram.
Suficiente	Básico	Os alunos, neste nível, demonstram domínio mínimo dos conteúdos, competências e habilidades, mas possuem as estruturas necessárias para interagir com a proposta curricular no ano /série subsequente.
	Adequado	Os alunos, neste nível, demonstram domínio pleno dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para o ano/série escolar em que se encontram.
Avançado	Avançado	Os alunos, neste nível, demonstram conhecimentos e domínios dos conteúdos, competências e habilidades acima do requerido no ano/série em que se encontram.

Fonte: (Classificação e descrição dos níveis de proficiência do SARESP 2013, p.5).

Observamos que as classificações e níveis são atingidos pautados nas habilidades e competências que o aluno deve adquirir na série/ano que se encontra. Cada classificação e cada nível correspondem a uma expectativa nomeada: desejável ou indesejável, própria ou imprópria para a série/ano do aluno.

A tabela a seguir representa o desempenho geral em Língua Portuguesa dos alunos da terceira série do ano de 2013 da escola onde realizamos nosso trabalho de campo.

Classificação	Nível	3ª EM
Insuficiente	Abaixo do básico	21,6
	Básico	37,8
Suficiente	Adequado	40,5

	Básico + Adequado	78,4
Avançado	Avançado	0,0

(Distribuição Percentual dos Alunos nos Pontos da Escala de Proficiência — escola pesquisada)

De acordo com a escala de desempenho divulgado pelo boletim escolar através do saresp 2013, os alunos alcançaram o nível (Básico + Adequado), ou seja, suficiente em Língua Portuguesa. A avaliação buscou apontar os índices prováveis em português englobando o ensino de redação. De acordo com os resultados, a terceira série do ano de 2013, atingiu satisfatoriedade quanto ao desempenho almejado, que era o de aproximar do nível adequado. Os alunos demonstraram dominar as habilidades de compreensão, organização e elaboração de um texto, previstos para o ano/série que cursavam.

Com relação à redação escolar, notamos que quando tomada como produção textual, essa tipologia é em muitos casos desprovida de sentido quanto ao objetivo. Nesse caso tomemos como um objetivo a aprendizagem. A escolha do tema pode ser um dos fatores que interfere quando se busca o ensino de redação. Isso porque a escolha do tema tem que partir de um contexto familiar-escolar, voltados para os conhecimentos do aluno. Para explicar alguns casos como a ausência de interlocução nas redações escolares, buscamos refletir sob os conceitos apresentados por Emediato na formulação da estrutura da argumentação. O autor propõe a ordem estrutural para a formação de um discurso argumentativo, vejamos a explicação dos itens abaixo:

Afirmção (tese, proposição): afirmação feita pelo sujeito sobre a verdade de algum fenômeno, seguida da **análise** de seus termos essenciais, que se contrapõe, explícita ou implicitamente, a uma outra concepção sobre o mesmo fenômeno (EMEDIATO, 2010, p.161, grifos do autor).

Assim, no primeiro momento a introdução partirá de uma ideia já produzida, confirmada; algo que já tenha uma proporção fixa. Em seguida, faz-se necessário a posição e explicação do assunto, podendo concordar ou não.

Posicionamento: o sujeito explicita sua posição sobre o fenômeno posto em discussão, posição que pode demonstrar uma **concordância**, *parcial ou total*, com uma tese já existente, ou uma **discordância**, *parcial ou total* com a mesma (Emediato, 2010, p.161-162, grifos do autor).

Ainda que se tenha a posição do contra e do a favor, obrigatoriamente gera-se outro tipo de exercício da faculdade da argumentação, a situação problema; aquela que parte da “[...] perspectiva *social, econômica, política, ideológica, religiosa, científica, matemática, epistemológica, moral*”. (Ibid., p.162, grifos do autor).

Emediato descreve, “não se pode argumentar bem, sem apresentar em um determinado momento, argumentos que possam ser aceitos como plausíveis e aceitáveis pelo interlocutor ou pelo auditório. (Ibid., p.162).

Nesse sentido a formulação dos argumentos assume a responsabilidade de líder, inferindo a pertinência do discurso. Portanto, a organização das ideias corresponde à logicidade e à explicação para a afirmação dos fatos.

Para tanto, a argumentação apresenta pontos imprescindíveis. Ao argumentar sobre determinado fato faz-se necessário: uma afirmação, um posicionamento, apresentação de um problema, formulação dos argumentos e por fim concluir através de um pensamento lógico partindo de uma ação consolidada e pertinente.

Emediato afirma que a argumentação “[...] visa persuadir ou convencer um auditório da validade de uma tese ou proposição. Inclui a explicação, mas o objetivo da argumentação é construir uma comunicação persuasiva”. (Ibid., p.159).

Como prática, todos os anos temos o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Através do resultado obtido nesse teste, o aluno adquire oportunidade de cursar um determinado curso de graça, ou seja, ele ganha uma bolsa de estudos financiada pelo governo. Mas para alcançar um bom resultado é preciso que a nota do candidato iguale ou supere os índices do governo. Como já sabemos a redação implica bastante o resultado total de desempenho do futuro universitário.

Vejamos por outro ângulo o cenário atual que envolve os resultados polêmicos dos anos 2012 e 2013 dos testes do Enem, em que se discute a redação. Alguns candidatos escrevem uma redação fugindo do assunto, em vez de se atentarem ao tema proposto pela prova. É importante lembrar que desconsideramos os critérios de correção da redação, pois o que nos interessa não diz respeito ao fato de o aluno fugir do assunto, mas o que o levou a cometer tal infração.

A atualização dos conhecimentos sobre determinados assuntos aumenta e pondera o exercício de argumentação sobre qualquer coisa. Contudo, se o indivíduo não apresentar um grau relativo de informações, dificilmente ele terá autoridade para apontar, defender ou até mesmo sanar a questão posta em vista. Logo compreende a ideia de que não se fala daquilo que não se conhece, não se pratica aquilo que não tem teoria. Embora nos sujeitemos mais a

teoria do que a prática, pois a prática implica mecanismos que muitas vezes vão além da teoria. Por exemplo, a escrita de redação; se o aluno não conhece o assunto no qual é pedido na redação, dificilmente irá conseguir elaborar argumentos suficientes dando conta da proposta. Andrade [200-] nos adverte: é preciso ter conhecimento sobre o que se pretende falar, escrever “[...] requer o conhecimento do assunto sobre o qual vai se discorrer”.

Ler basicamente é dialogar com o texto, é também estabelecer uma relação maior com o enunciado, assunto no qual é tratado. Koch¹⁰, afirma que:

Segundo as teorias da atividade verbal, o texto resulta de um tipo específico de atividade a que autores alemães denominam “*Sprachliches Handeln*”, entendendo por *handeln* todo tipo de influência consciente teleológica e intencional de sujeitos humanos, individuais ou coletivos, sobre seu ambiente natural e social. Dessa forma, *Sprachliches Handeln* diz respeito a realização de uma atividade verbal, numa situação dada, com vistas a certos resultados (KOCH, 2002, p.11, grifos do autor).

Observando a discrepante relação entre alguns métodos usados em sala de aula para o ensino da leitura e redação, optamos por dedicar algumas observações no sentido de apresentar um método já desenvolvido para a aplicação do exercício de leitura e redação. No entanto, Geraldi defende que:

[...] é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política — que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade — com os mecanismos utilizados em sala de aula (GERALDI, 2002, p.40).

Assim, é preciso levar em conta os nossos objetivos, nossas opções. Se optarmos por trabalhar o ensino de redação na sala de aula, provavelmente teremos que utilizar mecanismos que subsidie a produção de texto. Contrário a isso, o resultado pode ser negativo.

Produzir um texto¹¹ requer habilidades de competência leitora. Portanto, a leitura pode ser vista como a base da escrita. Alguns pontos negativos são evidentes quando se trata de produção textual, por exemplo, um texto mal redigido e mal estruturado. Comumente os alunos são cobrados pelo exercício de produção de redação. Geralmente, o professor indica o tema no qual o aluno deverá escrever a redação, e daí a produção se inicia. Os temas propostos não tão diferentes são desestimulantes e rotineiros, “[...] no início do ano, o título

¹⁰ Koch, no livro, O Texto e Construção de Sentidos, realiza um estudo sobre o processo da produção de texto.

¹¹ Nome genérico para toda e qualquer porção de linguagem escrita (BRUNI, [200-], p.1)

infalível, “Minhas férias”; em maio, “O dia das mães”; em junho, “São João”; em setembro, “Minha Pátria”; e assim por diante (Ibid., p.64).

O que é intrigante em tudo isso se resume em uma única questão: não há nada contra em escrever sobre qualquer assunto citado. O problema reside na forma como isso é posto ao aluno. Na prática, deve-se o professor ensinar quais os mecanismos deve ser usado para escrever uma redação. Partir de um princípio, para então chegar a um fim.

Não estamos tratando aqui de um método inédito, para o ensino de leitura e redação; apenas estamos mostrando que é possível usar de técnicas já existentes, formulados para a aprendizagem de leitura e redação.

Para o ensino de leitura, propomos a reavaliação de um método bastante comum, mas que tem sido pouco utilizado na sala de aula. É certo que hoje o aluno lê pouco e por isso a escrita é comprometida.

1.5 O Texto Jornalístico na Sala de Aula

Buscaremos discutir este assunto, levando em consideração o que há de mais propício hoje no patamar educacional, as mídias. Os meios de comunicação tem se transformado em possíveis aliados para desdobrar a real situação do ensino. Segundo alguns pesquisadores, estamos enfrentando uma crise na educação. A revista Veja (2006) publicou uma notícia em que o Brasil ocupava o último lugar no *ranking*¹² de aprendizagem de leitura entre as escolas do mundo. Tal notícia preocupou alguns setores, como apontou a reportagem: “a boa notícia é que o setor produtivo e seus braços de responsabilidade social começam a soar o alarme (Por exemplo, a Fundação Victor Civita, está lançando seu programa Reescrevendo a Educação)” (VEJA, p.1).

Entretanto sabemos que a crise na educação é resultado de outro problema. A quem atribua que a crise na educação surgiu emergida à outra crise. “A crise da modernidade é bastante complexa, atinge a sociedade como um todo e todas as áreas do saber [...]”, (RABELLO, 2008, S/N)¹³. Nesse sentido, entendemos que o problema da crise na educação tem que ser entendido de forma ampla, pois o principal fator da crise é justamente algo que a

¹² Classificação medida pelo Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) cuja função é avaliar alunos que estão no Ensino Médio, saindo da fase do Ensino básico escolar.

¹³ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo.

antecede, nesse caso a crise da modernidade. Para compreender de forma clara e objetiva os efeitos da crise da modernidade, Rabello cita Duarte Júnior (2004), que faz a seguinte consideração:

Atribui a crise do conhecimento moderno à falta de equilíbrio entre a razão abstrata e as verdades locais das comunidades. [...] estabelece uma distinção entre saber inteligível e o sensível, sendo o primeiro apenas intelectual, articulado abstratamente pelo nosso cérebro através de signos lógicos e racionais como palavras e os números, enquanto o sensível diz respeito à sabedoria detida pelo corpo humano na sua totalidade. (Ibid., p.2)

Entretanto a qualidade de ensino do século XXI preocupa e gera questionamentos no meio educacional, pois os efeitos da crise da modernidade interferem diretamente sobre a educação. Buscamos soluções para reverter esse fenômeno de tal maneira que os apontamentos variam entre tantos e ainda continuamos sem conseguir um efeito positivo global. Buscam-se formas e meios de transformar o espaço escolar, mas isso não parece o bastante, o processo é lento que às vezes parece estagnado e o resultado conseqüentemente não supre a expectativa.

Quando nos referimos às formas e meios, vale lembrar uma que tem avançado no sentido de sair do papel, o trabalho com projetos educativos e interativos. Essa parece ser uma estratégia que pode surtir efeito, pois através da interação entre alunos e professores, as atividades podem oferecer algo a mais, nesse caso a capacidade de desenvolver nos alunos as habilidades em um determinado campo. Por exemplo, o esporte que tem sido um dos possíveis aliados para vencer um dos problemas na sala de aula, que é a indisciplina, vista por muitos, uma das características do aluno emergido na crise da educação.

Dessa forma, a escola tende a mudar alguns conceitos, buscar meios de atrair a atenção do aluno, e uma das formas é trazer para sala de aula algo que influencie e mude a visão do aluno em relação ao estereótipo da função da escola. Tendo em vista o potencial que eles os meios de comunicação apresentam em nível de acessibilidade, acredita-se que podemos usá-los como ferramentas de auxílio na sala de aula.

Considerando a ordem do gênero jornalístico, na intenção do ensino de leitura e redação, os textos jornalísticos podem contribuir como instrumento de aprendizagem do aluno na sala de aula.

O texto é peça fundamental para compreensão de qualquer ideia. Na sala de aula, o professor, “costuma limitar-se à leitura de texto, prendendo-se à compreensão, à interpretação

e à produção de redações”. (MENEZES, TOSHIMITSU, MARCONDES 2003, p.13). Contudo, devemos pensar em duas práticas do trabalho com o texto. A primeira é usar o texto como processo de aprendizagem de leitura e a segunda é a produção de texto. Essas práticas são determinantes para o ensino aprendizagem de qualquer gênero textual, pois qualquer texto (literário, jornalístico) implica domínios de leitura e de escrita (no sentido de produção). Para Geraldi, essas são unidades básicas que solidifica a aprendizagem textual. No entanto para a leitura, o autor estabelece que: “Esta prática envolve dois tipos de textos e dois níveis de profundidade de leitura: a de textos “curtos”: contos, crônicas, reportagens, lendas notícias de jornais, editoriais, etc. a de narrativas longas: romances e novelas”. (GERALDI, 2002, 59-60).

Enquanto a leitura de um texto procede de processos como mencionados, a escrita percorre um caminho mais árduo. A prática de produzir textos na sala de aula é fadada ao fracasso toda vez que é colocada como parte do recorte de aprendizado do aluno. Em muitos casos a contextualização do modo como é ensinado e (se é que é ensinado) a redação, gera conflito. A definição do quê e sobre o quê escrever, muitas vezes é função professor. Mas o que intriga é que a produção de texto é um pretexto para apontar apenas os erros ortográficos, bem como a organização de ideias.

Sumariamente a fundamentação do ensino de redação ainda não tem um caminho solidificado. A estruturação de um poema, de uma narrativa é diferente da construção de um noticiário de jornal, pois como são de gêneros diferentes assumem também uma construção diferente. E nessa construção é que buscamos trabalhar a inserção da linguagem. Em muitos casos o aluno emprega a linguagem inadequada para um tipo de escrita sem saber que o emprego das palavras rege como um dos fatores que influencia no que está sendo discorrido.

A produção textual precisa ser revista, quando tomada como ensino/aprendizagem e a escola é o meio que viabiliza o funcionamento das ocorrências que pontuamos. E nesse sentido, Geraldi defende:

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto julgado, avaliado. O professor, a quem seu texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. (Ibid., p.120)

O jornal escrito possibilita ao professor desenvolver diversas maneiras de se trabalhar o texto. Por ser um gênero de característica informativa e noticiaria, o jornal leva a atualidade e também a crítica/posicionamento do aluno perante o assunto; nesse sentido, viabiliza uma importante função não só do cidadão como aluno, mas como formador de uma concepção.

Sugestão como essa reforça o potencial do aluno não só na escrita, mas também pode desencadear outras habilidades nele.

Entre as propostas de como trabalhar com o jornal na sala de aula, aconselha-se selecionar conteúdos cabíveis a cada faixa etária, na proporção de cada série. O objetivo da aula deve ser o primeiro passo a ser levado em consideração quando se pensa em trabalhar determinado conteúdo.

Já que estamos falando do uso do jornal como apoio de trabalho com os alunos, vamos ver de que forma isso pode acontecer. As atividades devem ser elaboradas de acordo com um princípio. Para uma turma de quinta-série, por exemplo, propõe-se o trabalho com encartes.

Na quinta-série, prepara-se o caminho para a compreensão dos recursos de comunicação com os quais o aluno irá trabalhar de modo mais profundo nas seguintes séries. A percepção de intenções ou de finalidades de produção de textos, a existência de interlocutores, de receptores passivos, de ideologias existentes no processo de comunicação da mídia será absorvido pelos alunos. (Ibid., p.35).

Por ser a série inicial de um ciclo, comumente os alunos sabem lidar com esse tipo de situação. No sexto ano é comum que o aluno não saiba dominar ou relacionar qualquer atividade da natureza jornalística, ainda mais quando o objetivo parte de uma análise mais profunda; por isso todo cuidado é necessário para que não se transforme um princípio com um resultado completamente diferente do esperado. Sugerimos ao professor que ao preparar uma aula usando o jornal, selecione um material atrativo e atual para o aluno. Em observação a isso, o autor Bahia faz a seguinte pontuação:

Ao usar o jornal como material de apoio didático, o professor estará aproximando a escola do mundo que a cerca. Apenas em praticar o manuseio típico de um leitor de jornal, o aluno está aprendendo a fazer escolhas críticas em relação ao que quer e quando quer ler. Ele elege a reportagem seção ou coluna que mais desperta seu interesse naquele momento. E esta seleção, em si, já implica em posicionamento crítico, participativo, denotando liberdade democrática de escolha. Além disso, o livro didático não mantém a instantaneidade da notícia de um jornal, pois ele não é publicado no dia seguinte do fato. (BAHIA, 2005, p. 80).

O trabalho com o jornal possibilita o desenvolvimento crítico do aluno através da leitura. Por ser uma fonte de informação, ajuda o leitor a aprimorar seu conhecimento, fortalecendo seu poder de argumentação. Entretanto, o jornal pode ser apontado como ponte mediadora entre a escola e o mundo, por isso tão importante e determinante é trabalhar como

textos jornalísticos na sala de aula. Através dos conteúdos e assuntos, o aluno pode estabelecer posturas ideológicas perante uma determinada situação. Isso é determinante, pois ele (aluno), enquanto leitor interioriza questões fundamentais para seu desenvolvimento intelectual e social no mundo.

Ressaltando a importância do jornal como instrumento de aprendizagem, Bahia (2002) reforça que:

O jornal aumenta a cultura geral e aprimora as qualidades intelectuais do aluno. Serve de ponte entre o currículo escolar teórico e a realidade prática, dos professores e alunos, pais e filhos. A natureza interdisciplinar do produto jornalístico é fator de atração para o estudante, na medida em que oferece conteúdo renovado [...] (BAHIA, 2002, p. 81).

A possibilidade de trabalhos na sala de aula com jornais ultrapassa o contexto curricular abrangendo outros aspectos: sociais, políticos, ambientais e até econômicos. Dessa forma o professor consegue inserir na vida do aluno, algo além do conteudismo proposto pelo currículo. As redações que coletamos, apresenta o perfil de escrita do aluno de hoje em situações como a de vestibulares. Nota-se que parte desse problema resulta do suporte que o aluno não teve no ensino básico.

Metodologicamente, o jornal é uma fonte que viabiliza o fortalecimento argumentativo e crítico de um indivíduo. Em questões práticas na sala de aula isso é fator de contribuição. As produções a seguir são de alunos que estão encerrando um ciclo. Os apontamentos são reais e os resultados sugerem reformulações quanto ao ensino de leitura e redação.

As redações expostas foram analisadas e vinculadas às discussões levantadas ao longo da apresentação teórica.

2. PRÁTICA: EXPOSIÇÃO DE RESULTADOS — INTERVENÇÃO DE AD

Este capítulo é destinado à análise do *corpus* do nosso trabalho. Nossa pesquisa de campo foi realizada em uma instituição de ensino público, localizada no interior de São Paulo. A aplicação das redações foi feita em 6 (seis) alunos da terceira série do Ensino Médio, com a finalidade de apontar os problemas que os estudantes apresentam ao escrever uma redação, levando em consideração o foco investigativo da pesquisa.

O ensino/aprendizagem de leitura e redação como apontamos ao longo desse trabalho é um desafio instigante para o professor e para o aluno. Levando em consideração os desafios de se ensinar e aprender a ler e escrever, temos duas importantes colocações a fazer. A primeira é que: a língua e a linguagem são dois contatos que estabelece o primeiro ponto de contato com a leitura, e a segunda é que para escrever temos que vincular esses dois contatos.

Ao realizarmos uma pesquisa sobre o ensino de leitura e redação concluímos que para a aprendizagem, principalmente de redação é preciso que tomemos conhecimento de alguns processos como apresentados pelos autores Bruni e Andrade, que propõem técnicas de ensino de leitura e de redação que fazem uma reflexão acerca do assunto como apresentado nesse trabalho.

Durante o processo de coleta do material para as análises, tivemos dificuldades em realizar a pesquisa. No início, os alunos demonstraram interesse em participar da pesquisa, e a coleta ocorreu conforme o esperado. No entanto, na segunda coleta alguns alunos desistiram de concluir a pesquisa e por isso o número de redações que era de dez redações foi para seis. O motivo da desistência, segundo os próprios alunos, foi o de não gostar de escrever redações.

Os alunos disseram não gostar de fazer redação e apontaram os vestibulares universitários e o Enem que cobram uma nota relevante com a avaliação da redação. Argumentaram que independente de qualquer critério de avaliação, a redação não deveria ter um peso maior nas provas seletivas.

Nossa intenção seria de mostrar um gráfico com os resultados das análises e confrontar com os resultados divulgados pelo Boletim Saesp 2013. Mas, o número de redações foi insuficiente para fazer um levantamento e apontar os resultados na tabela.

Prevíamos a participação de toda a turma (dezenove alunos) para a pesquisa e não contávamos com a desistência de quatro dos dez pesquisados no meio do trabalho. Lamentamos tal descompasso durante a pesquisa e ressaltamos que as redações analisadas foram suficientes para detectar o problema levantado e que nos motivou a busca à pesquisa.

O processo de coleta foi desenvolvido em duas etapas: a primeira coleta sem intervenção e a segunda com intervenção. Para isso os alunos tiveram que assistir aos vídeos mencionados, escrever e depois reescrever sobre eles. A primeira escrita não teve nossa interferência, já a segunda concebeu-se da ação interventiva. Da primeira coleta, realizamos uma análise mais aprofundada e criteriosa, enquanto a segunda já com a intervenção, recebeu uma avaliação mais superficial, pois essa seria apenas para diagnosticar os efeitos causados depois da aplicação das noções básicas de AD.

Portanto, analisamos seis redações. Cada uma analisada duas vezes para obtenção do resultado de confronto, ou seja, o *corpus* será formado da análise de doze redações.

Como nossa pesquisa trabalha com o discurso jornalístico midiático, os alunos assistiram duas reportagens exibidas no programa Fantástico da Rede Globo e realizaram redações avaliando o discurso pertinente de cada vídeo.

Após as produções, realizamos a análise das redações apontando as observações de acordo com nosso objetivo. Dessa vez, os discentes tiveram o suporte de AD para realizar as redações. O objetivo é que o aluno consiga melhorar a escrita da redação através de argumentos plausíveis a uma visão mais crítica. Realizamos novas análises das produções e formulamos um novo resultado que confrontamos com o resultado anterior ao da aplicação de AD. O resultado não será com dados numéricos, mas apresentados de forma geral.

Os vídeos em anexos trabalhados na pesquisa de campo encontram-se anexado em um CD inserido nesse trabalho.

2.1 Análises das redações: O Antes e Depois da Aplicação da Intervenção

Para a produção das redações, os alunos assistiram e compararam a dois vídeos exibidos no Fantástico, cujo assunto era o protesto contra ao reajuste de R\$0,20 da tarifa do

bilhete do transporte público. Após assistir aos vídeos e interar-se do assunto tratado, os alunos produziram as redações que foram analisadas e apresentadas de acordo com os fundamentos teóricos apresentados neste trabalho.

O método consiste de duas redações produzidas pelos informantes. Na primeira redação, nenhuma informação foi posta para os alunos, pois se trata do processo em que o produtor deve escrever de acordo com suas habilidades, sem intervenção.

Num segundo momento foram realizadas novas redações pelos mesmos produtores, com a ação de intervenção. Para a intervenção, foi trabalhado em sala de aula o texto “Bogotá combinou repressão com urbanismo e educação”. O texto foi aplicado em uma aula com o objetivo de levar ao conhecimento dos alunos as técnicas de leitura apresentadas no nosso trabalho pelo autor Bruni [200-]. Através da intervenção, implantamos as técnicas tanto de leitura quanto de produção de texto apresentadas pelo autor no capítulo 1 deste trabalho.

Nos vídeos denominados “Manifestações e protestos” e “Programa do Fantástico”, contam com um discurso em que o editorial se coloca contra os protestos e condena a postura dos manifestantes, sendo esse o discurso do primeiro vídeo. As imagens do vídeo mostram a polícia em extremo confronto com os participantes dos protestos, que eram contra o reajuste da tarifa do bilhete de transporte público no ano de 2010.

Já o segundo vídeo mostra a diferença de postura por parte do editorial. Passado uma semana da exibição do primeiro vídeo, o Fantástico volta às ruas para acompanhar as manifestações, com um novo discurso não só apoiando as manifestações, mas com imagens passivas entre a polícia e os envolvidos.

O propósito é que os alunos produzam redações apontando a diferença do discurso dos dois vídeos apresentado pelo editorial sem que tenhamos revelado a mudança de discurso da emissora. A fim de comprovar ou não a eficácia das técnicas apresentadas por Bruni e apontar resultados providos da experimentação desse método, relacionamos e comparamos o antes e o depois da intervenção nas produções textuais. As redações apresentadas a seguir foram produzidas sem a intervenção, assim representando o antes. Nenhuma informação foi posta para os alunos a respeito da mudança de discurso presente nos vídeos.

2.1.1 Análises das Redações Pré-intervenção

As redações a seguir, foram transcritas e analisadas de acordo com pontuações através de AD e as técnicas de leitura do autor Bruni. Portanto as transcrições são da primeira coleta,

representando o antes da intervenção e as redações dos alunos estão à parte nesse trabalho nos anexos. O anexo A, representa as redações da primeira coleta.

TRANSCRIÇÕES (*IPSIS LITTERIS*)

RED:1 (Informante 1)

O fim da Inércia brasileira

Tema: Manifestações brasileiras

Durante muito tempo, o povo brasileiro, se comportou de forma inerte, sem voz e aceitando sem críticas o descaso com o seu dinheiro tão difícil de conseguir. Decorrendo da organização da copa das confederações e da copa do mundo de 2014, sediada pelo Brasil, o brasileiro percebeu que milhões foram gastos com estes eventos, enquanto a saúde, a educação e o transporte público decaíam gradativamente de qualidade.

Assim, baseando-se na primavera dos povos, ocorrida em 1848, reunindo milhões de pessoas para protestar por condições de vida melhor e principalmente pela Primavera Árabe, em 2010 que através da rede social Facebook, reuniu centenas de pessoas e assim conseguiram derrubar do poder o presidente Kadáfi, similar ao impeachment de Collor, em 1992. Se na primavera dos povos, ocorrida em 1848, reunindo milhões de pessoas para protestar por condições de vida melhor e principalmente pela Primavera Árabe, em 2010 que através

O sucesso dessas manifestações impulsionaram os grupos protestantes brasileiros, que também através da rede social Facebook, se organizaram e iniciaram uma série de manifestações em todo o território brasileiro, a partir do dia 13 de junho de 2013, tendo como estopim os 0.20 centavos a mais no caótico transporte público.

Entretanto, em meio à euforia, houve exageros e/ou aproveitamento em prol do vandalismo que alguns protestantes maus intencionados realizaram, destruindo patrimônios públicos, caos e ocasionaram ferimentos de jornalistas que estavam trabalhando no local. O exagero foi por parte também dos policiaes que em meio à confusão também feriram muitas pessoas que estavam apenas protestando por suas causas.

Protestar é sim bem vindo a nossa sociedade, que vive em meio a corrupção, injustiças e desamparo à população de classe inferior, porém as manifestações devem ser bem organizadas, com propostas claras e objetivas para por em ação, para que não haja um descompasso neste processo e o que inicialmente seria para ser por uma boa causa, acabar tornando-se mais uma dor de cabeça, obtendo mais problemas do que os anteriores. E o mais importante é manifestar-se através do voto consciente, mostrando que o povo deve ser ouvido, e acima de tudo que eles possam construir um futuro melhor e mais digno.

Ao analisar a redação da informante 1, percebemos que a aluna possui um grande conhecimento de mundo. Ao relacionar o tema com outros já conhecidos, a informante mostra que tem domínio ao inferir outros discursos no seu discurso. Entre eles, o discurso da primavera dos povos, referente a uma manifestação ocorrida no ano de 1848.

As informações contidas na redação demonstram que os conhecimentos da estudante ultrapassam o ambiente do contexto escolar.

A estudante emprega no seu texto discursos pertinente ao tema proposto tema, mas não menciona no seu texto a alteração da postura do editorial do Fantástico da rede Globo que é o nosso principal foco. A redação contém um grande número de informações e a autora tem posicionamento crítico, porém em nenhum momento é revelado à mudança de discurso nos textos midiáticos apresentados nos vídeos. A aluna não percebe que essa mudança se dá nas apresentações e por isso a produção segue apenas nas entrelinhas do tema.

Com relação aos discursos, observamos que embora informacional e crítica, a estudante agregou na sua produção um discurso não apresentado nos vídeos e sem pouca relevância para nossa análise. A Primavera Árabe citada pela aluna, não relaciona com o tema tratado nos vídeos, esse tipo de discurso não aparece em nenhum momento das apresentações. Sendo assim, consideramos digressiva a informação agregada pela aluna na redação.

No entanto, a produtora relata em sua produção pontos de vista que podem ser considerados referentes ao primeiro e segundo vídeos. A produtora infere e analisa de forma superficial em ambas as apresentações ao citar as datas que aconteceram os fatos. É claro que não há clareza dos termos mencionados, mas notoriamente, houve o resvalo da questão.

Ainda sobre a produção textual da estudante 1 (um) e relacionando-a com as teorias apresentadas nessa pesquisa, na perspectiva de AD, encontramos nesse trecho “reuniu centenas de pessoas e assim conseguiram derrubar do poder o presidente Kadáfi, similar ao

impeachment de Collor, em 1992”, o discurso político. Também encontramos o discurso policial, “O exagero foi por parte também dos policiais que em meio à confusão também feriram muitas pessoas que estavam apenas protestando por suas causas” e o discurso social econômico, “ se organizaram e iniciaram uma série de manifestações em todo o território brasileiro, a partir do dia 13 de junho de 2013, tendo como estopim os R\$0,20 centavos a mais no caótico transporte público”, que se aplicam na concepção do sujeito e/ou consciências através da subjetividade.

Relativo aos sujeitos que constroem os vídeos e a produção textual em questão, retomamos ao conceito de subjetividade instaurado por Voese (2004, p. 76), “os indivíduos não agem e não falam sem motivações: na origem da produção do discurso, localizam-se, pois, desejos, necessidades, sentimentos, emoções e razões etc”.

Dessa forma entendemos que essa configuração se evidencia na relação das ações imanentes dos sujeitos identificados na redação da aluna: o governo, no trecho “conseguiram derrubar do poder o presidente Kadáfi”; os manifestantes, no seguinte trecho, “O sucesso dessas manifestações impulsionaram os grupos protestantes brasileiros”; os policiais, “O exagero foi por parte também dos policiais que em meio à confusão também feriram muitas pessoas que estavam apenas protestando por suas causas”. Ainda temos os políticos, apresentado no trecho “[...] em 2010 que através da rede social Facebook, reuniu centenas de pessoas e assim conseguiram derrubar do poder o presidente Kadáfi, similar ao impeachment de Collor, em 1992” e os jornalistas, “[...] ocasionaram o ferimentos de jornalistas que estavam trabalhando no local”.

Assim com a subjetividade, as ideologias que percorrem o texto são propagadoras dos discursos predominantes. Demarcada pela característica da natureza na qual é concebida a ideologia é responsável pela propagação de um discurso. A redação aqui analisada discute as manifestações (tema); dentro desse tema, a estudante desenvolveu discursos (entre eles e mais relevante, o político e econômico), apontou os construtores dos discursos (sujeitos: governo e os manifestantes) e estrategicamente surgiram as ideias permanentes, formando assim algumas ideologias do texto: capitalista e social.

Ressaltamos que a ideologia nem sempre é marcada pelas ideias fixas de um texto. Nesse caso, o fator que implica reside na forma com a qual essas ideias são compreendidas. Nem mesmo os discursos dão conta de estabelecer uma ideologia concreta. Para explicar esse extremo, Voese cita Thopsom (p.57) e estabelece que “a ideologia pode operar através da ocultação e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa

interpretação das situações”. Dessa forma entendemos que a ideologia ou ação ideológica de um texto, tem a função de convencer ou persuadir.

Na redação em questão, observamos que a estudante utiliza ideias persuasivas recorrentes ao tema. Reproduzindo o ponto de vista da produtora, as manifestações foram relutantes principalmente pela questão econômica do Brasil, com relação aos projetos da Copa do mundo e incoerente ao descaso público, principalmente a saúde e educação.

Na produção analisada, encontramos marcas linguísticas proveniente dos termos que formam o enunciado. Como sabemos, as marcas linguísticas são manifestações por meio do uso oral/escrito da língua. Portanto, este tipo de instância da língua é recorrente entre a maioria dos falantes de uma língua; pois através dessa instância, estabelecemos efeitos de comunicação de melhor expressividade.

O termo protestar encontrado no texto remete a uma marca linguística em que o produtor estabelece o sentido da palavra e viabiliza a compreensão semântica do enunciado.

Dessa forma, Voese (2004) afirma:

A interação verbal, como se percebe, pode estar revelando que a informação que o enunciado contém e o ato que o enunciante realiza ao pronunciá-lo, também se referem a um determinado papel que se pode exercer em determinada cultura, isto é, uma outra comunicação estaria também se processando e o ato de fala deveria ser entendido como sendo sempre também um evento cultural. (Ibid., p. 36).

Assim, compreendemos que as marcas linguísticas são fatores que permeiam uma sociedade em um determinado contexto, para possibilitar e dar sentido ao ato de comunicação. Recorrendo a produção textual em questão, e a natureza do evento linguístico analisado, verificamos que comumente encontraremos esse tipo de manifestação em situações com a da fala (fonológica) e da escrita (morfológica), que se confirmam no início da redação nos seguintes trechos “comportou de forma inerte” e “grupos protestantes brasileiros”, que reduz o povo brasileiro a um povo que protesta.

RED: 2 (Informante 2)

Título: As manifestações

Em junho de 2013, as manifestações de pessoas querendo reiventizar, a questão do aumento dos vinte-centavos, fez com ouvesse confrontos entre policiais e protestantes.

Essas manifestações mostram o pensamento das pessoas ao aumento da passagem de ônibus, onde os protestantes foram atingidos por bombas de borrachas pelos policiais, sem ao menos terem feito nada para que isso viesse a acontecer. As bombas de borrachas não atingiram apenas os manifestantes, mais também os jornalistas que ali estavam para cobrir a matéria.

Isso não precisava acontecer já os manifestantes estavam tentando fazer justiça, mais sem atos de violências, sem qualquer coisa onde um policial tomasse a atitude de jogar uma bomba onde machuco várias pessoas. O ato de querer justiça, não significa que é uma violência a qualquer pessoa, mais sim de mostrar os seus direitos.

Notamos que a aluna também não infere em seu texto a postura do editorial da Rede Globo. Dessa forma, notamos que assim como a primeira produtora, a aluna em questão não conseguiu atingir uma das importâncias da nossa pesquisa, que é o de perceber e comparar os discursos de cada vídeo. A aluna apresenta pouca crítica e se posiciona pouco diante do tema. Em sua produção menciona de forma sutil os fatos dos vídeos, mas não identificamos relatos que revelam ou comparam os discursos dos dois vídeos. Os discursos dos vídeos são diferentes em relação a postura do editorial. Para Gregolin,

A mídia não somente transforma o presente em acontecimento jornalístico, como também lhe confere um estatuto histórico. [...] a sociedade assiste à história do tempo presente sendo construída, no interior dos aparelhos de comunicação de massa, sob tirania do acontecimento. O lugar, por excelência, de produção do acontecimento não é mais o do discurso, mas sim o da mídia [...]. (GREGOLIN, 2003, p. 116)

Retomando as questões dos discursos da redação em questão, analisamos e encontramos marcas lingüísticas no seguinte trecho “[...] os jornalistas que ali estavam para cobrir a matéria”. O trecho mostra signos lingüísticos da língua falada (oralidade) e que a aluna transportou para a escrita, assim retratando a língua/gem, vértice de AD. Destacamos abaixo a relação de algumas marcas lingüísticas encontradas na redação: querendo

reivindicar, houvesse confronto, atingidos, viesse a acontecer, não precisava acontecer, fazer justiça, mostrar seus direitos, a atitude, questão do aumento, apenas os manifestantes.

Aparecem também na redação, os sujeitos que formaram as ideias dos enunciados presentes. Os sujeitos ou consciências de um discurso, como preferem alguns linguistas, são aqueles responsáveis por apresentar ações imediatas daquilo que está em questão. Essas ações podem ser interiores ou exteriores, ou seja, pode se passar com ele ou fora dele, como aparece no trecho selecionado, “Isso não precisava acontecer já os manifestantes estavam tentando fazer justiça, mais sem ato de violência”.

Assim como os sujeitos, que são necessários para um discurso, surge também as ideologias, ou seja, as ideias estabelecidas pelos sujeitos. As ideologias formam o conjunto dessas ideias, que são os pensares concebidos na arte da subjetividade. No texto encontramos as ideologias que se relacionam com o tema, são as ideologias: social, “Essas manifestações mostram o pensamento das pessoas ao aumento da passagem de ônibus”; jornalístico informativo, “Em julho de 2013, as manifestações de pessoas querendo reivindicar, a questão do aumento dos vintes centavos”; autoritária moralista “As bombas de borracha não atingiram apenas os manifestantes, mais também os jornalistas”, etc.

Da mesma forma quem surgem as ideologias, conseqüentemente os discursos vão se formando: o discurso jornalístico, policial, social, informativo, etc.

Com relação a nosso principal objetivo, observamos que a aluna não faz nenhum tipo de referência ao segundo vídeo, em que o editorial mostra uma manifestação pacífica entre policiais, protestantes e os representantes políticos; oposto ao primeiro vídeo que registrou um confronto. Em hipótese, a estudante deveria questionar o que aconteceu para que tal mudança ocorresse. Visto que o discurso constituído pela mídia, conta com a participação da própria instituição midiática. No caso dos vídeos, como principais atores, operam os jornalistas, que são incumbidos de apresentar e divulgar os acontecimentos.

Retomando à questão em que a aluna não percebe a mudança do editorial, isso já era previsto, até porque essa é uma das características dos alunos, apesar dos questionários como o do Relatório Pedagógico 2013 apontarem satisfação nesse sentido.

Referente aos discursos do texto notou-se que a produtora aponta relevâncias pertinentes para o tema desenvolvido. Porém, os erros predominantemente ortográficos prejudicam a coerência da redação. Para tentar justificar os erros, recorreremos à falta de atenção do aluno ao redigir a produção. Também encontramos marcas linguísticas “[...] as manifestações de pessoas querendo reiventocar, a questão do aumento dos vinte-centavos, feiz com ouvesse confrontos entre policiais e protestantes.

Uma informação relevante da redação em questão está quando o produtor infere sobre a data em que ocorreram os fatos logo no início do seu texto. Julgamos que para o leitor essa informação é muito importante, visto que o receptor não sabe quando aconteceram tais fatos.

O ato de manifestar implica da interpretação preexistente do sentido que a palavra traz. A sociedade muda o contexto da palavra transformando-a e inserindo-a em outra dimensão. No caso dos vídeos, as manifestações foram interpretadas pelas partes envolvidas de forma contrária à esperada.

No segundo parágrafo, a estudante menciona o que seria as manifestações para as pessoas que participaram do movimento, “Essas manifestações mostram o pensamento das pessoas. Trata-se aqui da disciplinarização, em que as pessoas demonstram terem iniciativa e não agem com passividade. Interpretamos a crítica da aluna, que infere também no último parágrafo a ignorância á que o sujeito é submetido. O ato procedente de manifestar se relaciona com a desordem e a violência, “O ato de querer justiça, não significa que é uma violência a qualquer pessoa, mais sim de mostrar os seus direitos”. O trecho apela para relação que existe entre o indivíduo (manifestantes) e os órgãos competentes (ações políticas) regidas pelo poder.

Para compreender em que consistem as relações desse poder é necessário analisar as formas de resistência, as lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo e que segundo Foucault, tomam duas vias: por um lado, elas afirmam o direito à diferença e sublimam tudo o que tornar os indivíduos verdadeiramente individuais; por outro lado, elas combatem tudo o que pode isolar o indivíduo, desligá-lo dos outros, cindir a vida comunitária.

Para Gregolin (2003), se a disciplinaridade tornar-se plena e “se só houvesse a escravização, a submissão e a passividade, seria o *fim da História*.” (Ibid., p. 101, grifos do autor).

RED: 3 (Informante 3)

Tanto para nada

Os protestos que aconteceram em junho do ano passado, trouxeram a tona a insatisfação do povo com a política em geral.

De certa forma elas causaram algum tipo de sentimento de justiça, mas ficou apenas nisso parou tão rápido quanto começou.

Elas serviram para mostrar que o povo é sim capaz de correr atrás dos seus direitos, e sabe que a política atual não é a mais adequada.

Porém o governo se demonstrou despreparado para lidar com manifestações, tanto que só tomou providências para precauções depois que já havia-m enfrentados confrontos com os protestantes.

No fim das contas, não resolveu muitas coisas, as manifestações pararam e os problemas continuaram, so que agora ninguém está reclamando e olha que motivos é o que não faltam.

O gigante adormeceu do mesmo modo que acordou e agora e ver se nas eleições cada um vai fazer sua parte.

Observamos que o produtor não apresenta clareza no seu texto. Os fatos são jogados para o leitor de uma forma que nem o título indica a ideia principal do texto “Os protestos que aconteceram em junho do ano passado, trouxeram a tona a insatisfação do povo com a política em geral”. As argumentações do aluno, embora tiver sustentação no que parece ser o tema do texto, não dão suporte suficiente para vincular os fatos dos vídeos com a redação, pois a insatisfação do povo não era com a política em geral, mas com o reajuste do bilhete de ônibus. Isso é bastante claro no vídeo e essa afirmação não justifica a posição do aluno. Uma das possibilidades que levou o aluno a afirmação reside na focalização em um dos pontos do vídeo, em que aparecem políticos sendo entrevistados e falando sobre o assunto.

Notamos que o produtor entende que a finalidade das manifestações era de mudar o Brasil em geral. Em nenhum momento, o aluno aponta em seu texto o motivo pelo qual ocorriam as manifestações. Não há um referente no texto, dessa forma, entendemos que além de não observar os discursos do editorial em ambos os vídeos, o aluno não foi capaz de desenvolver argumentos plausíveis ao tema.

Esperava-se que o aluno mencionasse em sua produção a diferença de discurso dos vídeos inserida pelo editorial da rede Globo. A mudança de discurso de um vídeo para outro, apresenta temporalidade de opinião por parte do editorial, que teve o intervalo de uma semana para reformular os discursos. No primeiro vídeo, o programa exhibe o confronto entre os policias e os manifestantes, já no segundo, o editorial muda de discurso e transmite o “novo rumo das manifestações”. Para discernir o que acontece com os textos midiáticos Gregolin (2003) afirma que “os textos de mídia apresentam-se como uma fonte privilegiada da

percepção quente dos eventos do dia, com toda a sua agitação e dispersão característica”. (Ibid., p. 115).

Esteticamente o título da redação é concluído e justificado no quarto parágrafo, “No fim das contas, não resolveu muitas coisas, as manifestações pararam e os problemas continuaram só que agora ninguém está reclamando e olha que motivos é o que não faltam”. Caso o produtor apresentasse no fim do texto o motivo dos protestos, entenderíamos que a ideia principal fecharia e não abriria a sequência dos argumentos.

Produzir um texto e introduzir a ideia principal no final da escrita é uma tarefa que exige muitas habilidades, pois o tópico frasal tem que funcionar como zíper que abre ou fecha o texto. Embora muitos textos diluam nas entrelinhas do desenvolvimento a ideia principal.

Ao analisar e constatar as considerações feitas na redação em questão fica evidente que o produtor assim como os anteriores foi incapaz de notar a mudança de discursos nos vídeos.

Embora o aluno não atender uma das importâncias do nosso trabalho, encontramos razões que retomam a questão teórica do nosso trabalho, em relevância a AD. Para construir seu texto, o produtor dispôs de discursos que consideramos coerentes com o tema. Entre eles: o discurso político, encontrado no trecho, “e sabe que a política atual não é mais adequada”; o discurso informativo “os protestos que aconteceram em junho do ano passado”; o discurso governamental “Porém o governo se demonstrou despreparado para lidar com manifestações”. Da mesma forma que os discursos são construídos, também são construídas as ideologias do texto em questão.

Para dar continuidade a nossa análise, encontramos na redação as marcas linguísticas. No trecho selecionado, a produtora utiliza desse recurso para explicar um ponto de vista “Elas serviram para mostrar que o povo é sim capaz de correr atrás dos seus direitos”. Percebe-se que a aluna usa vocabulário acessível viabilizando a compreensão do leitor. Para isso pontuamos algumas palavras e expressões encontradas na produção analisada: trouxeram à tona, de certa forma, porém, no fim das contas, no mesmo modo.

Além das marcas linguísticas, analisamos os aspectos da subjetividade e ideologias presentes na redação. Referente às consciências ou sujeitos que constroem os discursos, destacamos as que predominam na produção em questão: o povo, os manifestantes, os políticos, os protestantes. Esperava-se que a aluna também mencionasse a polícia em seu texto, mas em momento algum do texto notamos a inferência da violência entre as partes envolvidas na manifestação, nesse caso a polícia e os manifestantes. No primeiro vídeo temos a violência policial, aspecto que classificamos como uma das ideologias permanente do

discurso e que não aparece no texto da aluna. As ideologias encontradas na redação são limitadas, pois a aluna deixa de mencionar a participação da polícia e dos jornalistas, dos estudantes e professor. Dessa forma destacaremos apenas as ideologias encontradas durante a análise: a ideologia política – governamental e social (o povo).

Ainda sobre a redação, observamos que a conclusão da redação se dá com um parágrafo em que as informações não são explicadas, “O gigante adormeceu do mesmo modo que acordou e agora é ver se nas eleições cada uma vai fazer sua parte”. Dessa forma, entendemos que essa informação, prejudicou o texto, pois foi uma informação nova no texto que não teve suporte para que o leitor compreendesse do que se tratava.

RED:4 (Informante 4)

Os manifestantes contra os políticos

Como o Brasil tá com muita violência contra os políticos para parar com Isso as pessoas tem que colocar a cabeça no lugar você acha que um presidente esta afetando eles com uma manifestação você paga imposto as coisas que o manifestante esta quebrando lixeiras, lojas destruido bancos queimando onibus a polícia esta fazendo um confronto contra os manifestantes e muitos a policia para evitar muito estrago nas ruas dam tiros de balas de borraxa muito manifestante sai muito ferido com pancadas e tiros de borraxa.

Até os jornalistas são espancado até são feridos por tiro de borracha dos policiais ele vam fazer reportagem a cabam ferido semdo pode até sem asacinado por causa duma passagem de onibus os manifestantes começaram a queimam onibus de transporte publico.

Uma pessoa não pode fazer isto não adianta fazer uma rebelião contra as pessoas que esta dentro do onibus que está imdo ou voutando do trabalho. ai vai um marginal coloca fogo no onibus pode matar uma pessoa inocente que não tem nada ver com assunto não vai para a vontade dos presidente.

Na redação 4, o produtor não introduz claramente o tema trazido pelos vídeos. O informante insere em seu texto uma informação isolada cujo assunto não centraliza o tema dos vídeos. O próprio título escolhido pelo produtor deixa clara a falta de compreensão do

noticiário. Em nenhum momento da reportagem presencia-se a afirmação do produtor. Os vídeos não mostram os manifestantes contra os políticos e as manifestações aconteceram devido ao reajuste do bilhete da passagem de ônibus como aponta a reportagem. Porém o autor do texto não abstraiu nem o tema, nem a postura do editorial em ambos os vídeos.

Os vídeos mostram as diferentes posições do editorial com relação as manifestações. A matéria exibida em ambos os vídeos, contam com diferentes opiniões por parte do editorial da rede Globo. O editorial produziu os dois vídeos com abordagem diferentes sobre o assunto. No primeiro vídeo, temos na exibição da manifestação o confronto dos policiais com os manifestantes, enquanto que o segundo mostra a passividade dos participantes e de quem estava presente no local, inclusive a de representantes políticos. Tudo indica que como aparece no segundo vídeo, o editorial optou por apresentar uma matéria a favor dos manifestantes; contrário do primeiro que mostrou a violência e desordem por partes dos envolvidos.

Uma vez produzido no interior de uma prática que se pauta pelo emprego de estratégias de manipulação do real e pelo sensacionalismo, o acontecimento é antes de tudo, produto de uma montagem e de escolhas orientadas de imagem, que lhe garante o efeito de acontecência, a impressão do vivido mais próximo daqueles que o vivem. (Ibid., p.116).

É evidente que o aluno não percebeu a mudança do editorial, portanto não aponta em sua produção a ocorrência que se passa em comparação aos dois vídeos. Dessa forma, mais uma vez, não obtivemos a principal importância da nossa pesquisa com a produção em questão.

Ainda encontramos algumas informações isoladas que percorrem o texto causando a incoerência com o assunto dos vídeos. O autor usa termos como rebelião, para designar associar às manifestações. A redação pouco relata sobre o motivo dos protestos. Dessa forma seria inviável que o produtor inferisse em seu texto a mudança de discurso do editorial do programa da Rede Globo presente em ambos os vídeos.

A distinção de discursos é nítida assim como o tema. Porém o questionamento recai sobre a imprecisão do autor em não reconhecer o tema tratado nos vídeos. O autor considerou um ponto do vídeo para levantar os argumentos e desenvolver a escrita. O mal posicionamento do produtor com relação ao tema dos vídeos rompe com a linha de raciocínio do desenvolvimento do texto, principalmente pelo fato das ideias não estar alinhadas ao tema.

Considerando as observações apontadas anteriormente, desdobramos a análise em dois atos. O primeiro no qual já apresentamos e o segundo, em que com concatenamos com a

teoria desse trabalho. Como a AD é nosso fundamento teórico, obrigatoriamente realizamos a análise mostrando os aspectos que reside neste campo. Para tanto, iniciaremos a análise indicando as propriedades de AD: língua/gem (marcas), subjetividade (fator histórico) e ideologia.

Na busca de uma definição para o que é língua e para o que é linguagem Japiassú (2001), afirma:

Em um sentido genérico, pode-se definir a linguagem como um sistema de signos convencionais que pretende representar a realidade e que é usado na comunicação humana. Distinguem-se, em algumas teorias, a língua empírica, concreta (por ex., o português, o inglês etc.) da linguagem como estrutura lógica, formal e abstrata, subjacente a todas as línguas. (Ibid., p.119-120)

Com relação à redação da aluna e a afirmação do autor, notamos que há marcas linguísticas no trecho “As pessoas tem que colocar a cabeça no lugar [...]”. As marcas lingüísticas foram utilizadas por questões convencionais da própria língua. São questões individuais e pessoais que partem da criação do sujeito. Nesse caso o sujeito opera na instância da subjetividade, em que a impressão é sempre subjetiva. Como operadores dos discursos do texto encontramos os seguintes sujeitos: os jornalistas (emissores), que propagam e emitem a notícia; os manifestantes (pessoas) que participavam do protesto; o presidente (entidade política).

Em suma, todos os sujeitos que construíram os discursos são também inseridos na formação ideológica do texto presentes nos seguintes trechos, “Uma pessoa não pode fazer isto, não adianta fazer rebelião contra as pessoas [...]”. Destacamos então as ideologias presentes no texto: a ideologia política, “[...] as pessoas tem que colocar a cabeça no lugar, você acha que um presidente está afetando eles com uma manifestação”. A ideologia policial “[...] a polícia está fazendo um confronto com os manifestantes”, e temos ainda a ideologia social e preconceituosa como mostra o trecho, “Uma pessoa não pode fazer isto, não adianta fazer uma rebelião contra as pessoas que está dentro do ônibus que está indo ou voltando do trabalho, aí vai um marginal coloca fogo no ônibus”.

Através do trecho, observamos a inserção do termo rebelião em que dá a ideia de desordem e violência, mesma característica que aparece no primeiro vídeo. Na busca por acentuar esse aspecto, o produtor utiliza o termo como recurso enfático.

RED:5 (Informante 5)

As manifestações no Brasil

Muitas pessoas hoje reivindicam fazendo protestos para que o governo cumpra o que prometeu, para que eles possam ver que o povo também tem seu direito de opinar, da mesma forma como somos obrigados a votar.

As manifestações começaram em torno de junho de 2013, quando as taxas de ônibus começaram a subir, e começou a prejudicar o transporte de trabalhadores e estudantes, que antes pagavam mais barato para se locomover.

Apesar de todas as manifestações serem um grito para que o governo acordasse, conseguimos a baixa tarifa de ônibus, o governo diminuiu o preço, mas não foi o suficiente para que o povo parasse de correr atrás de seus direitos, pois não era só as tarifas que prejudicava os manifestantes (o povo).

Os manifestantes fizeram com que o tema das manifestações fosse “O gigante acordou”, isso fez com que o governo entendesse que o povo também governa e que também pode fazer a diferença.

A produção em questão atrela os fatos apresentados nos vídeos com o tema proposto na redação. O autor elabora a introdução inferindo os protestos, mas só insere o motivo dos protestos no desenvolvimento do texto. Os argumentos não indicam o posicionamento do autor perante o assunto que é estruturado por parágrafos vagos que demonstram que apesar do tema ter sido compreendido, não foram suficientes para que o autor desenvolvesse um raciocínio crítico.

Esperava-se que o aluno percebesse que os vídeos apresentavam um núcleo cuja abordagem era diferente em cada um. Na primeira reportagem exibida nos vídeos pelo editorial, temos a divulgação de imagens que coloca os manifestantes como desordeiros e a polícia em confronto com quem aderiu ao protesto. No segundo vídeo, uma semana depois, o Programa Fantástico edita e divulga uma reportagem se mostrando de acordo com o ato dos manifestantes. A reportagem do segundo vídeo, diferente da primeira, contava com a ação pacífica entre as pessoas que participavam do movimento.

As ideias são jogadas em parágrafos curtos e sem conclusão, e mantidas por partituras dos vídeos entrelaçadas por um ou outro ponto de vista do autor, como mostra o trecho “Os manifestantes fez com que o tema das manifestações fosse ‘O gigante acordou’”. Também nesse mesmo trecho encontramos o desvio de concordância verbal em que o verbo fez aparece com a conjugação na segunda pessoa do singular, quando que a pessoa é da terceira pessoa do

plural “Os manifestantes fizeram com que o tema das manifestações fosse ‘O gigante acordou’”.

Ressalvando as conclusões acima, analisaremos a redação com o propósito de ligar os pontos levantados na teoria desta pesquisa, principalmente com relação à Análise do Discurso. Para tanto, a análise se forma levando em consideração o aspecto formal de AD, que é incorporar os três pilares de sustentação: língua/gem, subjetividade e ideologia. A redação possui todos esses aspectos, mas daremos destaque apenas para os discursos e seus construtores. Nesse caso, vamos iniciar apontando os discursos predominantes do texto: o discurso político presente no trecho, “Apesar de todas manifestações serem um grito para que o governo acordasse”, “somos obrigados a votar”; o discurso informacional/jornalístico, “As manifestações começaram em junho de 2013, quando as taxas de ônibus começaram a subir”.

Em seguida, encontramos os sujeitos construtores desses discursos: protestantes e manifestantes (pessoas que aderiram ao movimento), trabalhadores e estudantes (indivíduos que precisam do transporte público para se locomover), o governo (representante do povo brasileiro). Por meio desses sujeitos surgem os discursos, que são construídos na perspectiva de várias ideologias. O texto aponta para a ideologia política nacional (Brasil), “As manifestações no Brasil”; a ideologia social, “Muitas pessoas hoje reivindicam fazendo protestos” e a ideologia informativa, “As manifestações começaram em junho de 2013, quando as taxas de ônibus começaram a subir”. Temos ainda a ideologia do trabalho, educacional e capitalista como aponta o trecho “quando as taxas de ônibus começaram a subir, e começou a prejudicar o transporte de trabalhadores e estudantes que antes pagavam mais barato para se locomover”.

Encontramos ainda as marcas linguísticas que sobressaem no texto, como aponta o trecho a seguir em que o enunciado aparece entre aspas, “‘o gigante acordou’”. Como se sabe, em dadas circunstâncias, a pontuação também pode ser classificada como marca linguística. O trecho acima recorre a esse aspecto, em que o enunciado abre para uma chamada especial na instância da linguagem. Pontuamos em relevância algumas palavras e expressões encontradas no texto: Serem um grito, parasse de correr atrás, possam ver, direito de opinar, trabalhadores, estudantes.

RED:6 (Informante 6)

Contradição

Jovens vão a rua para protesta contra o valor do transporte publico, certo eles vão atraz dos seus direitos como cidadãos, mas não pararam para pensa que se o

transporte é público não poderia haver nem um tipo de taxa a ser cobrada pois é por isso que pagamos impostos absurdos.

No começo das greves em Junho de 2013 os manifestantes diziam que não era a questão de diminuir o valor em 20 centavos e sim, mais por uma questão ética por seus direitos legais, mas assim que houve a redução teve os fins da greve com isso os manifestantes caíram em contradição, em muitas pessoas não mais acabou gerando polemica em algumas pessoas que acompanharão as manifestações.

A redação do informante 6 é formada por dois parágrafos mal estruturado. O aluno elabora o que seria a introdução do tema tratado nos vídeos, mas só aponta detalhes no segundo e último parágrafo que seria a conclusão do texto. Devido a falta de estruturação do texto, os dois parágrafos apresentam ideias vagas e sem conclusão.

Em nenhum momento o produtor infere a postura do editorial nos dois vídeos. A redação é comprometida por diversos fatores. Compreendemos que a falta de compreensão dos vídeos por parte do autor do texto, inviabilizou a abstração do aluno. A princípio esperava-se que o aluno construísse em sua produção argumentos reiterando da postura do Programa Fantástico da Rede Globo. Os dois vídeos apresentam em seu núcleo o mesmo tema, mas divergente de opinião em um e no outro por parte do editorial. A data da segunda exibição conta uma semana após a primeira, intervalo de tempo que impulsiona um novo conceito a cerca dos protestos. Observamos que a primeira reportagem mostra as manifestações como algo negativo, visto que os envolvidos, policiais e manifestantes entram em confronto, transformando o movimento em violência.

No segundo vídeo, em comparação ao primeiro, tem-se a reformulação do que foi divulgado. O editorial da Rede Globo prezou por mostrar face a face quem aderiu ao movimento, e tratou de se posicionar favorável aos protestos. Ressaltando que no primeiro vídeo o Fantástico divulgou o confronto entre policiais e manifestantes e no segundo, exibiu-se a passividade por partes dos envolvidos.

Ainda sobre a redação, observamos que o aluno aponta em seu texto discursos que não aparecem nos vídeos “[...] a questão de diminuir o valor em 20 centavos e sim, mais por uma questão ética por seus direitos legais”. A inserção do discurso do aluno é classificada como digressão, uma vez que essa informação apresenta algo que não contextualiza com o tema tratado “[...] uma questão ética por seus direitos legais”.

Buscando atrelar as questões teóricas da nossa pesquisa, analisamos a redação levando em consideração os apontamentos da Análise do Discurso. Para tanto, recorreremos aos vértices

de AD com as questões da língua/gem, subjetividade e ideologia. Como sujeitos atuantes no texto, apontamos: os jovens, cidadãos, manifestantes, pessoas. Nota-se que a redação não faz menções sobre todas as consciências que aparecem nos vídeos. A participação da polícia, dos políticos, jornalistas não foram citados no texto. Dessa forma, notamos que os discursos são pautados em sujeitos limitados e não abrangentes como aparecem nos vídeos.

As ideologias do texto também aparecem em pequeno número, assim como os sujeitos. Apontamos algumas destacando os trechos retirados do texto: a ideologia social e juvenil “Jovens vão às ruas para protestar contra o valor do transporte público, certo eles atrás dos seus direito como cidadãos, mas não pararam para pensar que se o transporte é público não poderia haver nenhum tipo de tarifa [...]”; a ideologia capitalista, “[...] a questão de diminuir o valor em 20 centavos”, “pagamos impostos absurdos”; a ideologia constitucional, “por uma questão ética por seus direitos”, “no começo das greves”.

Com relação às ideologias, observamos que o texto mantém as ideologias pertinentes aos vídeos, embora a produção apresentar pouco deste vértice. Dentre os vértices analisados, resta-nos levantar apontamentos sobre a língua/gem. Permeado por instâncias da língua, observamos que a redação apresenta marcas linguísticas, como aparece no seguinte trecho, “certo eles vão atrás dos seus direitos”; encontramos ainda palavras como: cidadãos, jovens, questão ética, gerando polêmica, muitas pessoas, algumas pessoas, greves, etc. Ressaltamos que as marcas linguísticas podem ser caracterizadas também pela pontuação utilizada no texto, não sendo o caso da redação analisada.

2.1.2 Análise e apresentação das redações pós- intervenção

As redações anteriores foram produzidas sem a intervenção de AD, conforme mencionamos. As produções a seguir foram coletadas depois das noções básicas de AD. Os mesmos alunos produziram novas redações com o propósito de atender a importância do nosso trabalho que é a de inferir nos textos a mudança de discurso presente nos vídeos. Para isso os alunos assistiram novamente aos vídeos e em seguida introduzimos na aula os conceitos básicos de AD apresentados na teoria desta pesquisa.

Portanto os produtores foram preparados para ter condições de perceber a mudança de postura do editorial. Vejamos as transcrições e seguem em anexos nesse trabalho, as redações pós-intervenção no anexo B.

TRANSCRIÇÕES (*IPSIS LITTERIS*)

RED:7 (Informante 1)

O Brasil por outro ângulo

Em outros tempos, o país era movido pela comodidade e aceitação do seu povo às condições de vida imposta pelo governo. O povo era tratado de forma a não ter direito a crítica; era um povo sem voz e sem vez, domesticado por um poder que cabia a poucos e que afetava a muitos.

Hoje isso mudou, os tempos mudaram e a sociedade quer respostas para as questões sociais. As manifestações e protestos foram uma maneira de mostrar que o povo de hoje não é o mesmo da Era militar, em que os brasileiros se calaram diante das inconsistências das leis brasileiras. As tarifas de impostos do Brasil são consideradas abusivas e atingem o bolso do brasileiro em todo momento. E por isso os brasileiros foram às ruas de quase todo país para impedir tal acontecimento.

Os brasileiros buscaram através das manifestações impedir que houvesse o reajuste de 0.20 do bilhete de ônibus. Só que esqueceram que protestar é sim bem vindo, mas destruir e provocar vandalismos são atos que devem ser evitados. Destruir patrimônios e ferir pessoas acaba por serem atos de violência e merece punição. Por isso antes de qualquer iniciativa dessa ordem deve ser pensada e estudada as medidas cabíveis para depois entrar em ação.

Um meio de fazer isso acontecer é buscar através do voto, mudar nossos representantes políticos e assim a política do nosso país.

RED:8 (Informante 2)

Título: Manifestações em São Paulo

O programa do Fantástico apresenta manifestações que aconteceram em São Paulo, devido ao aumento da passagem de ônibus.

No programa eles relatam as manifestações como algo violento, onde acontece conflitos entre policiais e protestantes, deixando de mostrar que as pessoas estão ali para tentar conseguir um transporte gratuito, que é por direitos a eles. Eles mostram as manifestações com o intuito de que as próximas manifestações seja mais pacífica sem violência entre policiais e manifestantes.

Mais isso de eles apenas defender os policiais na reportagem, não acontece na segunda reportagem onde eles mostram os alunos e os professores, juntos a esses manifestantes, que também querem os direitos que a eles são permitidos.

As manifestações mostram que as pessoas não estão satisfeitos com o que está acontecendo, e eles querem que isso melhore, por isso vão a rua através das manifestações, mostram o que querem, e o que é deles por direito.

RED:9 (Informante 3)

As manifestações

Manifestações , pessoas que se reúnem por uma causa, ou pelo o que eles acreditam estar certo, um direito que existe em lei.

Isso era o que deveria acontecer, mas sabemos que nem sempre é assim, somos influenciados pelo que vemos ou ouvimos que as vezes mostram a mesma coisa so que em situações distintas.

O primeiro vídeo mostra os manifestantes de um modo em que eles estão pacíficos, e em perfeita harmonia, defendendo o seu direito.

Não há varias verdades, existe uma só e de alguma maneira ela está sendo mal interpretada, ou isso pode estar sendo jeito intencionalmente.

A questão é que o mal planejamento para atender esses manifestantes fez com que a desorganização tomasse conta e que alguns fatos se vinculassem a mídia de uma maneira negativa e repressiva.

Somos o povo temos o direito de protestar contra o que não concordamos, a melhor maneira de resolver isso, seria uma melhor administração para que o povo fique satisfeito.

RED:10 (Informante 4)

A Globo transmissora mais rica do mundo porque eles muda todas imagens que são transmitidas pela globo. As imagem das manifestação contra os políticos são maiores que você pensa eu acho que o povo que são os manifestantes que são professores para ruas para manifestar contra os políticos e contra a polícia.

A Globo não pode fazer isso com os professores colocar a matéria da Globo são a maior trasmissoras mais competida do mundo que são os maiores reportes de todas trasmissoras todos os programas da televisão do mundo são os melhores programas tudo que

o programa da Globo transmite são os trabalhadores que pagam com suor porção a Globo e a maior transmisora do mundo todo o dinheiro que ela tem e dos cidadão Brasileiros.

Como uma transmissão pode tem tanto poder ninguém pode competir com ela por causa do poder que nem uma transmisora tem eu não acho justo fazer isto com as outras trasmisoras do Brasil não é justo.

RED:11 (Informante 5)

A manifestação

No dia seis de junho de 2013 os brasileiros saíram nas ruas das capitais para manifesta contra o reajuste na tarifa do transporte público. Mas foi surpreendido pela polícia que atacou a multidão com bombas e fogos. Muitas pessoas saíram feridas do conflito, até um repórter de Jornal saíram feridos.

Então o governo do estado de São Paulo falou em rede nacional. E chamou a lider do movimento para conversar e les chegaram numa conclusão de ter uma manifestação pacífica.

No Rio de Janeiro o professor levou três alunos para participar do movimento nas ruas com pacificação já prometida pelo governo. eles participaram de uma entrevista, disse: que eles já tinha conseguido um objetivo na manifestação, mas sonha com um Brasil melhor e justo.

RED:12 (Informante 6)

Pessoas fazem manifestações sobre eleições, maiores partes delas afirmaram que não irão votar, pois eles tenque conhecer os políticos e saber o que eles irão fazer para mudar nosso país ou seja “melhor”.

Pessoas não querem votar porém os Políticos prometem coisas e não cumpri, eles apenas prometem para poder ganhar os votos das pessoas; nosso país em manifestações queremos mudar nosso País; O ano se passam e sempre entram outros Políticos que sempre promete mudar nosso pais e nunca muda.

Em manifestações pessoas falam o que seria bom para poder ter um voto de confiança o que eles realmente acham sobre votar; Nas ruas cada uma delas dão sua opiniões sobre os Politicos e as eleições deste ano.

Porem todos maiores de (18 anos) são obrigados a votar, nós temos que estar preparados para poder votar ou seja escolher aquela pessoa que diz que vai mudar nosso Pais, temos que saber quem realmente ira melhorar o Pais.

As redações mostram um dos problemas que nos motivou a realizar essa pesquisa, que é a interpretação e abstração de um conteúdo. Como observamos, os alunos analisados tiveram dificuldades em deter as ideias dos vídeos e não conseguiram diferenciar os discursos dos vídeos. Mesmo depois da aplicação de AD, os alunos não conseguiram aprofundar as ideias para referir às mudanças de postura do editorial em ambos os vídeos. Salientamos que novamente os alunos assistiram aos vídeos e várias colocações foram postas em questão, como linha reflexiva. Entre elas a da mudança de discurso por parte do editorial.

Para que a reflexão acontecesse, a sala foi organizada em círculo, para que todos pudessem interagir de forma conjunta. A compreensão e visão de cada um foram relativas. À medida que surgia um referente julgado importante, tentamos relacionar ao comportamento do editorial. O que mais nos chamou à atenção foi que mesmo depois de levantar, apontar e discutir sobre o fato, os alunos não foram capazes de inferir nas redações o que foi discutido durante a socialização.

Notamos que os produtores tentaram organizar argumentos para explicar o comportamento do editorial, como aparece na redação 6, em que o informante menciona a Rede Globo e aponta a emissora como a maior do mundo e com tanto poder. Entendemos que o aluno tentou argumentar sobre a influência da emissora, mas não conseguiu desenvolver ideias pertinentes que confirmassem nossa expectativa. Percebemos que o produtor tem dificuldades em organizar as ideias com clareza e por isso tende-se a prejudicar os argumentos.

Os questionamentos apontados nas segundas produções incidem das mesmas opiniões das primeiras. É o caso das duas redações do informante 2 (dois) em que a introdução consiste de um mesmo enunciado, “ a questão do aumento dos vinte-centavos”, na primeira redação e o “aumento da passagem de ônibus”, na segunda redação. Notoriamente, mesmo depois de assistirem novamente aos vídeos, os alunos não identificaram os índices que apontavam para a mudança do editorial da emissora da rede Globo.

Esse procedimento era esperado nas primeiras redações, em que o aluno nada sabia a esse respeito. Porém, presumia que após a aplicação de AD e depois da instigante colocação sobre os diferentes discursos, o aluno facilmente mencionaria na redação o fato da mudança de discurso.

Retomando a questão da abstração, fica comprovado em parte que os alunos têm dificuldade em observar diferentes posições ou visões em um conteúdo. Falamos em parte, porque o número de alunos no qual analisamos é insuficiente para apontar um dado preciso. Os dados que aparecem na tabela do Boletim do Saesp da escola na qual realizamos a pesquisa tem maior representação, pois abrangem um número maior de alunos da terceira do ensino médio. Nesse caso, os resultados da nossa pesquisa são somente amostrais.

2.2 Levantamento e Resultado Final das Redações Analisadas

Conforme já mencionado, nossa pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública da cidade de Ibitiúva, SP. As redações coletadas são de seis alunos da terceira série do ensino médio. Os alunos produziram duas redações cada um, formando um total de doze redações. A coleta ocorreu em quatro aulas, lecionadas em dois dias. No primeiro dia ocorreu a primeira coleta e no último dia, a última coleta. As doze redações fazem parte do ensino de redação com o intuito de apontar o nível de abstração dos alunos analisados.

As redações da primeira coleta foram produzidas sem mediação da professora, portanto, os alunos assistiram aos vídeos mencionados anteriormente e sem ter nenhuma informação que os auxiliassem, escreveram as redações.

De acordo com a primeira coleta, o resultado apresentado das análises mostra a dificuldade dos alunos (não identificaram a alteração de discurso), pois as análises revelaram que os produtores tiveram dificuldades em deter os discursos dos vídeos. Isso se comprova com as análises que realizamos das redações e com o questionário formado de duas perguntas direcionadas aos alunos, que se encontra nos anexos no fim desse trabalho. As questões foram formuladas com a finalidade de verificar se através de questões diretas, os alunos apontariam a mudança de discurso do editorial.

A primeira questão: O editorial conduz da mesma forma as duas reportagens? E a segunda: O que você conclui dos dois vídeos? As perguntas foram uma maneira que encontramos para fazer um levantamento prévio do aluno antes que se iniciasse a redação. As respostas foram condizentes em relação às redações tanto na primeira quanto na segunda coleta, pois os alunos não reportaram nada referente aos discursos dos vídeos.

Na segunda coleta, houve a intervenção através de nossas colocações. Foram transmitidas aos alunos informações globais¹⁴ das duas matérias exibidas pelo editorial da Rede Globo antes que se produzissem as redações. Para isso os alunos responderam às duas questões acima citadas, com o intuito de fazer um levantamento prévio e norteá-los quanto à segunda produção.

Esperava-se que o resultado fosse diferente do apresentado na primeira coleta e que os alunos apontassem a diferença de discurso nos vídeos na segunda redação. Ocorre que mesmo depois das colocações feitas em sala com os alunos, não obtivemos o resultado almejado, pois os mesmos não transpuseram as colocações que foram feitas em sala na escrita da redação. Surpreendente e inesperado o resultado aponta para a questão problemática que acontece com os alunos, que é a compreensão e abstração¹⁵.

Notadamente, as análises confirmam que os estudantes saem da escola sem um preparo adequado tanto no ensino de leitura quanto de redação. Nesse sentido e retomando as técnicas inferidas por José Carlos Andrade e Bruni [200-], ler e escrever são práticas que requer informações e domínio sobre o qual vai atuar. No caso da leitura, provavelmente implica ao leitor, um conhecimento não só dos signos linguísticos, mas também o de conseguir abstrair o que foi lido, pois ler não é só codificar signos. Da mesma forma acontece com a escrita da redação. Ao redigir uma redação (texto), temos que pensar nos aspectos estéticos (gramática), mas também no sentido específico do que vai ser relatado. Nas produções apresentadas e analisadas, visamos apontar o nível de abstração e crítico do aluno, com relação à postura do editorial.

Os níveis de proficiência em Língua Portuguesa, divulgado pelo Boletim através do Saesp da escola na qual realizamos nossa pesquisa e apontado nesse trabalho, mostra resultados positivos com relação à aprendizagem. A relação desse resultado é divergente com os nossos apontamentos, pois em termos gerais, os índices são ilustrados com base em um teste geral de Língua Portuguesa.

No caso do nosso trabalho, realizamos uma pesquisa sobre o ensino de leitura e redação através de análises de produções de alunos e constatamos que os alunos apresentam dificuldades nesse sentido. Dessa forma, reportamos à nossa defesa que os índices do Boletim Saesp confrontam com os apontamentos conforme comprovam nossas análises. Os

¹⁴ Discussão em relação ao tema e o modo que a emissora Rede Globo através do editorial Fantástico, transmitiu e discorreu sobre o tema.

¹⁵ Deter taoda ou quase toda informação que engloba um determinado contexto.

resultados em números da nossa pesquisa não foram aqui apresentados, pois como mencionamos anteriormente, tivemos apenas uma amostra de seis estudantes para análise.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa e das análises das redações que realizamos, concluímos que os alunos não identificaram a alteração de discurso dos dois vídeos. Trata-se da dificuldade que um os alunos tem apontada nesse trabalho. Apontamos que os discentes têm dificuldade de abstração e por isso não conseguem ir além da superficialidade de um conteúdo.

Contudo apontamos que o objetivo foi alcançado, pois de acordo com as análises provamos que a abstração é uma das dificuldades dos alunos quanto à leitura. Proposta dos autores Bruni e Andrade, aplicamos as técnicas que consiste em facilitar a absorção; e através dessas técnicas, observamos que embora os alunos não tenham identificado a mudança de discurso, as redações da segunda coleta apresentaram alguns pontos que podem ser pontuados como melhores após a utilização do método. Na redação 10 (dez), do informante 4 (quatro), observamos que o aluno consegue através da leitura externa identificar e citar em seu texto a Rede Globo, embora não ter conseguido a inferência da alteração do discurso, como mostra o fragmento “A Globo transmissora mais rica do mundo porque eles muda todas imagens que são transmitidas pela globo”.

Ressaltamos que o método não foi totalmente eficaz, pois se trata de um processo que deve ser trabalhado por um período acentuado. Nesse caso o ideal seria planejar a aplicação do método em um semestre ou mais, o que seria plausível e compensador no caso da aprendizagem. Os resultados não aparecem em uma ou duas aplicações, pois são processos sequentes e a longo-prazo e não instantâneo e curto.

O número de alunos que participaram da nossa pesquisa somou um total de significância menor para o nosso trabalho. Tivemos baixa adesão quanto à participação. A turma pesquisada composta por dezenove alunos, apenas dez prontificou a participar da pesquisa; mas dos dez alunos, quatro decidiram não dar continuidade e abandonaram a participação antes do término.

Mesmo com toda motivação que foi passada aos alunos, não foi suficiente para que eles dessem continuação ao trabalho. A desistência não ocasionou grandes problemas frente à nossa pesquisa, porém o esperado era a adesão de toda à turma. Apesar da inesperada desistência, demos continuidade ao trabalho e realizamos a pesquisa de campo através das seis redações coletadas.

A nossa pesquisa propunha um método de aprendizagem de leitura que foi apresentado através das técnicas de Bruni. Como mencionamos anteriormente, o método tem eficácia desde que trabalhado por um longo prazo. Trabalhamos ligeiramente as técnicas e por isso a eficácia foi comprometida, sendo parcialmente notada.

Entretanto a AD se mostrou útil para a conclusão do método de Bruni. Através da leitura externa o aluno pôde contextualizar os conteúdos dos vídeos e a ideologia foi fundamentada através da ideia central, em que é posta a intenção do autor do texto. A ideia central dos vídeos foi inferida pelos informantes em quase todas as redações. De acordo com as análises, as ideologias das produções foram desenvolvidas e possíveis com base na ideia central.

A AD viabilizou nossa análise e permitiu que apontássemos o método que apresentamos nesse trabalho por meio das técnicas de leitura do autor Bruni. Percebemos que o método que propusemos e aplicamos não foi totalmente eficaz, mas que pode ter eficácia se trabalhado em um prazo maior. Isso porque o método foi aplicado em um período considerado reduzido, em apenas duas aulas e também por se tratar de um trabalho rápido para comprovação de um resultado. Notamos que o método pode funcionar totalmente e não parcialmente, se trabalhado de forma mais longa, como apontamos anteriormente.

Ao propormos o método através das técnicas de Bruni e diante dos resultados que tivemos, temos duas conclusões a fazer: a primeira é que juntamente à AD tivemos a possibilidade de realizar as análises, verificar e apontar nas redações dados relativos ao exercício do processo de leitura. A segunda diz respeito à importância da AD na área do ensino de leitura, em que a abordagem da análise atinge etapas de leituras, como afirma Bruni para justificar uma das etapas: “A leitura interna atém-se ao que o texto diz explicitamente. A análise externa utiliza dados que não aparecem no texto, mas que o explicam” (BRUNI, [200-], p. 1).

Portanto a realização das análises com os recursos de AD reafirma que foi pertinente a nossa escolha para apontarmos o nível de abstração dos alunos utilizando o método de ensino de leitura apresentado por Bruni ao longo desse trabalho.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. (Trad.de J. J. Moura Ramos) Lisboa, Presença-Martins Fontes, 1974.

BAHIA, José Péricles Diniz. **Jornal na Escola: estratégias de uso para a construção de cidadania**. O jornal em sala de aula. Salvador: 2005, p. 79-84.

BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística 2: domínios e fronteiras**. 5.ed. São Paulo; Cortez, 2004.

BENEVISTES, E. “O homem na língua”. In **Problemas de lingüística Geral** (Tradução de M. G. Novak e L. Neri), São Paulo, Com. Ed. Nacional/Edusp, 1966, PP. 245-315.

BORDONI, Thereza. Revista Atividades e Experiências, Maio, 2008. Disponível em: [Http://www.educacional.com.br/revista/0208/pdf/6_Entrevista_TherezaBordoni.pdf](http://www.educacional.com.br/revista/0208/pdf/6_Entrevista_TherezaBordoni.pdf) Acesso em 06 Out, 2014.

BRANDÃO, Helena H. Naganime. **Introdução à análise do discurso**. 2ª reimpressão. 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995, 96p.

BRITO, Luiz Percival Leme. **Em Terra de Surdos-Mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares)**. A escola: o grande interlocutor. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRUNI, José Carlos; ANDRADE, José Aluysio Reis de. **Introdução às técnicas do trabalho intelectual**. Araraquara: FCL/Unesp, [200-]. 28p.

CAMPOS, Rodrigo da Silva. **III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**. Marcas de subjetividade nas manchetes de um jornal popular: possíveis implicações para um perfil de leitor. Disponível em: [Http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CAMPOS_RODRIGO_DA_SILVA.pdf](http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CAMPOS_RODRIGO_DA_SILVA.pdf). Acesso em 06 de Out, 2014.

CECCON, Claudius et alli. **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983. p. 66-67.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Bogotá combinou repressão com urbanismo e educação** – Folha On Line – 16/10/2006 – Disponível em: www.folhaonline.com.br). Acessado em 28 de Out, 2006.

EMEDIATO, Wander. **A Fórmula do texto** – Redação, argumentação e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

GUARIGLIA, Rinaldo. **Discurso Midiático para o Ensino da Leitura**, 2014. II Semana de Letras e Pedagogia Unifafibe Linguística e Educação: Espaços Educativos de Literatura e Língua. Bebedouro SP: Centro Universitário Unifafibe. 24 abr. 2014. Minicurso. Notas de Aula.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da língua portuguesa**. Versão 2.0a. Instituto Antônio Houaiss: Objetiva, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo**. 3.ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MENEZES, B; TOSHIMITSU, T; MARCONDES, G. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MENDONÇA, Marina C. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. **Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 233-262.

PARO, Escola Estadual Domingos. **Boletim da Escola, Saresp 2013**. São Paulo. 2013, p.3.

RABELLO, Roberto Sanches. **A Crise da Modernidade e a Formação Continuada do Professor: a Contribuição da Arte e da Ludicidade**. Disponível em: <http://www.faecet.rj.gov.br/diretorias/arquivos/diretoria-de-educacao-superior/democratizar-v2-n2-2008.pdf>. Acesso em 29 de Nov, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. As novas razões da mentira. **Folha de São Paulo**. 22 ago. 2004, p.3.

SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: SE, 2012. 260. p.

SERRA, Giane Moliari Amaral. **Saúde e nutrição na adolescência: O discurso sobre dietas na Revista Capricho**. Discurso científico e discurso midiático. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001. 136.p.

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.

ANEXOS

Anexo A

RED: 1 (informante 1)

DSTQRSS

□□□□

Nome: R. G. S

Série: 3ª

Turma: A

O fim da Princesa brasileira

Tema: Manifestações brasileiras

Durante muito tempo, o povo brasileiro, ao comportar-se de forma anárquica, sem vez e oportunidade sem críticas e discussões com o seu líder, tem sido difícil de conseguir. Ocorrendo a organização da Copa das Confederações e da Copa do Mundo de 2014, sediada pelo Brasil, o brasileiro percebeu que milhões foram gastos com estes eventos, enquanto a saúde, a educação e o transporte público decrescia gradualmente de qualidade.

Assim, inspirando-se na Primavera dos líbios, ocorrida em 1948, reunindo milhões de pessoas para protestar por condições de vida melhor e principalmente pela Primavera Árabe, em 2011 que através da Rede social Facebook, reuniu centenas de pessoas e ações, conseguiram derrubar do poder o presidente Kadafi, similar ao impeachment de Collor, em 1992. Se na Primavera dos líbios, ocorrida em 1948 reuniu milhões de pessoas para protestar por condições de vida melhor e principalmente pela Primavera Árabe, em 2011 que através

o sucesso dessas manifestações, imobilizaram

credeal

D
S
T
@
Q
S
S

10. grupos protestantes brasileiros, que também através da rede social Facebook, se organizam para e iniciaram uma série de manifestações em todo o território brasileiro, a partir do dia 13 de junho de 2013 tendo como estopim os 0,20 centavos a mais no custo transporte público.

Entretanto, em meio a euforia, houve exageros e até apropriações em prol do vandalismo que alguns protestantes mais intencionados realizaram, destruindo patrimônios públicos, casas e ocasionaram ferimentos de jornalistas que estavam trabalhando no local. O exagero foi por parte também dos policiais que em meio a confusão também feriram muitas pessoas que estavam apenas protestando por suas causas.

Protestar é sim bem vindo a nossa sociedade, que vive em meio a corrupção, injustiças e desamparo à população de classe inferior porém as manifestações devem ser bem organizadas, com propósitos claros e objetivos para não em vão, para que não haja um desamparo neste processo e o que inicialmente seria para ser por uma boa causa, acabou tornando-se mais uma dor de cabeça, obtendo mais problemas do que os anteriores. É o mais importante é manifestar-se através do voto consciente, mostrando que o povo deve ser ouvido, e acima de tudo que eles podem construir um futuro melhor e mais digno.

credeal

Nome: K. A. G

Série: 3^ª

Turma: A

Título: As manifestações.

Em julho de 2013, as manifestações de pessoas querendo reventilar, a questão do aumento dos vinte-cêntricos, fez com que houvesse confrontos entre policiais e protestantes.

Essas manifestações mostram o pensamento das pessoas ao aumento da passagem de ônibus, onde os protestantes foram atingidos por bombas de borrachas pelos policiais, sem ao menos terem feito nada para que isso viesse a acontecer. As bombas de borrachas não atingiram apenas os manifestantes, mais também os jornalistas que ali estavam para cobrir a matéria.

Isso não precisava acontecer já os manifestantes estavam tentando fazer justiça, mais sem atos de violência, sem qualquer coisa onde um policial tivesse a atitude de jogar uma bomba onde machucou várias pessoas. O ato de querer justiça, não significa que é uma violência a qualquer pessoa, mais sim de mostrar os seus direitos.

1987-1988

26/09/88

Item 2.3 I - 2.3.1 - 2.3.1.1 - 2.3.1.1.1

Os manifestantes contra a Lei 10.172

Uma das razões para a criação da Lei 10.172 foi a necessidade de estabelecer regras para a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural. A Lei 10.172 estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública. A Lei 10.172 também estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública. A Lei 10.172 também estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública.

Os manifestantes não concordam com a Lei 10.172 porque acreditam que ela é injusta e que ela não protege os interesses dos brasileiros. Os manifestantes acreditam que a Lei 10.172 é injusta porque ela estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública. Os manifestantes acreditam que a Lei 10.172 não protege os interesses dos brasileiros porque ela estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública.

Uma outra razão para a criação da Lei 10.172 foi a necessidade de estabelecer regras para a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural. A Lei 10.172 estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública. A Lei 10.172 também estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública. A Lei 10.172 também estabelece que a concessão de licenças de exploração de petróleo e gás natural é feita por meio de licitação pública.

RED: 4 (informante 4)

N= 6.4.5

S= 3º

T= A

Título: As manifestações no Brasil

Muitas pessoas hoje reivindicam fazendo protestos para que o governo cumpra o que prometeu, para que eles possam ver que o povo também tem seu direito de opinar, da mesma forma como somos obrigados a votar.

As manifestações começaram em torno de junho de 2013, quando as tarifas de Ônibus começaram a subir, e começaram a prejudicar o transporte de trabalhadores e estudantes que antes pagavam mais barato para se locomoverem.

Apesar de todas as manifestações serem um grito para que o governo acordasse, conseguimos a baixa tarifa de Ônibus, o governo diminuiu o preço, mas não foi o suficiente para que o povo parasse de correr atrás de seus direitos pois não era só as tarifas que prejudicavam os manifestantes (o povo).

Os protestantes fez com que o tema das manifestações fosse "O gigante acordar", isso fez com que mais pessoas fossem para as ruas. Apesar dos vandalismo que ocorreram, o foco foi para que o governo entendesse que o povo também governa e que também pode fazer a diferença.

RED: 5 (informante 5)

nome: T. J. S

serie: 3^o

turma: A

Juntos para nada

Os protestos que aconteceram em junho do ano passado, tiveram a tônica a insatisfação do povo com a política em geral.

De certa forma eles causaram algum tipo de sentimento de justiça, mas ficou apenas nisso por não tão rápido quanto começou.

Eles reuniram para mostrar que o povo é sim capaz de correr atrás dos seus direitos, e sabe que a política atual não é a mais adequada.

Porém o governo se demonstrou desprezado para lidar com manifestações, tanto que se tomou providências para prevenções depois que já haviam enfrentados confrontos com os protestantes.

No fim das contas, não resolveu muitas coisas, as manifestações pararam e os problemas continuaram, só que agora ninguém está reclamando e olha que motivos é o que não faltam.

O gigante adormeceu do mesmo modo que aconteceu e agora é ver se nas eleições cada um vai fazer sua parte.

RED: 6 (informante 6)

N: E.C.S

S: 3'

T: A

Título: Contradição

Jovens vão a rua para protestar contra o valor do transporte público, até eles abrirem dos seus direitos como cidadãos, mas não pararam para pensar que se o transporte é público não poderia haver nem um tipo de taxa a ser cobrada pois é por isso que pagamos impostos absurdos.

No começo das greves em junho de 2013 os manifestantes dizem que não era a questão de diminuir o valor em 20 centavos e sim, mais por uma questão ética por seus direitos legais, mas assim que teve a redução teve os fins da greve com isso os manifestantes caíram em contradição em muitas pessoas não mais acabou gerando polêmica em algumas pessoas que acompanharão as manifestações.

Anexo B

RED: 7 (informante 1)

D S T Q Q S S

□ □ □

Nome: D. G. S.

Idade: 32

Turma: A

O Brasil por outro ângulo.

Em outros tempos, o país era marcado pela fome, miséria e acatamentos do seu povo às condições de vida impostas pelo governo. O povo era tratado de forma a não ter direito a crítica, era um povo sem voz e sem vez, domesticado por um poder que cabia a poucos e que afetava a muitos.

Hoje isso mudou, os tempos mudaram e a sociedade quer respostas para as questões sociais. As manifestações e protestos foram uma maneira de mostrar que o povo de hoje não é o mesmo da Era Milhar, em que os brasileiros se calam diante das inconsistências das leis brasileiras. As tarifas de importação do Brasil são consideradas abusivas e atingem o bolso do brasileiro em todo momento. E por isso os brasileiros foram às ruas de quase todo país para impedir tal acontecimento.

Os brasileiros buscaram através das manifestações impedir que houvesse o reajuste de 0,20 do bilhete de ônibus. Só que esqueceram que protestar é sim sem violência, mas destruir e provocar vandalismo são atos que devem ser evitados. Destruir patrimônio e ferir pessoas acaba por serem atos de violência e merece punição. Por isso antes de qualquer

credeal

□□□

□D□S□T□Q□Q□S□S

iniciativa dessa ordem, deve ser pensada e estudada as medidas cabíveis para depois entrar em vigor.

Um meio de fazer isso acontecer é buscar caminhos de voto, mudar nossos representantes políticos e assim a política do novo país

credeal

N. K. A. G

Série 3ª

Título: manifestações em São Paulo

O programa de Fantástico apresenta manifestações que aconteceram em São Paulo, divide ao assunto da passagem de ônibus.

No programa eles relatam as manifestações como algo violento, onde acontece conflitos entre policiais e protestantes, dizendo de mostrar que as pessoas estão ali para tentar conseguir um transporte gratuito, que é por direito a eles. Eles mostram as manifestações com o intuito de que as próximas manifestações seja mais pacíficas sem violência entre policiais e manifestantes.

Mais isso de eles apenas defender os policiais na reportagem, não acontece na segunda reportagem, onde eles mostram os alunos e os professores juntos a esses manifestantes, que também querem os direitos que a eles são permitidos.

As manifestações mostram que as pessoas não estão satisfeitos com o que está acontecendo e eles querem que isso mude, por isso vão a ruas através das manifestações, mostrar e que eles querem, e é que a eles por direito

N: E. L. S
 T: 3^a
 S: A

A manifestação

No dia 26 de junho de 2013 os brasileiros saíram nas ruas das Capitais para manifestar contra o reajuste na tarifa de transporte público. Mas foi surpreendido pela polícia que atacou a multidão com bombas e fogos. Muitas pessoas saíram feridas do conflito, até um repórter de jornal saíram feridos.

Então o governo do estado de São Paulo falou em rede nacional. E chamou a lider do movimento para conversar e eles chegaram numa conclusão de fazer uma manifestação pacífica.

No Rio Janeiro o professor levou três alunos para participar do movimento mas suas com pacificação já prometida pelo governo. Eles participaram de uma entrevista onde eles já tinha conseguido um objetivo na manifestação, mas sonha com um Brasil melhor e justo.

REVISTA DE LINGUÍSTICA

N. 115

Série 3ª A

As manifestações

Manifestações, pessoas que se reúnem por uma causa, ou pelo o que eles acreditam estar certo, uma ideia que está errada.

Isso era o que deveria acontecer, mas os homens que vivem sempre se ensinam, sempre influenciados pelo que vemos em exemplos que os rezes mostram a mesma coisa se que em situações distintas.

O primeiro vídeo mostra os manifestantes como marginalizados onde são vistos como delinquentes e culpados da situação.

É o segundo mostra os manifestantes de uma maneira em que eles estão pacíficos e em perfeita harmonia, defendendo o seu direito.

Não há várias verdades, certo uma só e de alguma maneira ela está sendo mal interpretada, ou isso pode estar sendo feito intencionalmente.

A questão é que o mal planejado para atender essa manifestantes fez com que desorganização tomasse conta e que alguns fatos se cancelassem e o meio de uma maneira negativa e negativa.

Somos e por isso o direito de protestar contra e que não concordamos a melhor maneira de resolver isso seria uma melhor administração, para que o povo fique satisfeito.

RED: 12 (informante 6)

N = E.C.S
 S = 3
 T = A

Pessoas fazem manifestações sobre eleições, muitas partes delas afirmam que não irão votar, pois eles têm que verhar os políticos e saber se eles vão fazer para mudar nesse País ou seja "melhorar".

Pessoas não querem votar por um os Políticos prometem coisas e não cumpri, eles apenas prometem para poder ganhar os votos das pessoas; nesse País está em manifestações queremos mudar nesse País; Anos se passam e sempre entram outros Políticos que sempre promete mudar nesse País e nunca muda.

Em manifestações pessoas falam o que seria bom para poder ter um voto de confiança, e que eles realmente acham sobre votar; mas elas cada uma delas dão suas opiniões sobre os Políticos e as eleições deste ano.

Porém todos maiores de (18 anos) são obrigados a votar, nós temos que estar preparados para poder votar ou seja ~~preparados~~ escolher aquela pessoa que diz que vai mudar nesse País, temos que saber quem realmente vai melhorar o País.

Anexo C
(Cd, vídeos utilizados na pesquisa)

APÊNDICES

Informante 1

D S T Q Q S S

□ □ □

NOME: R. G. S.

Série: 3ª

Turma: A

O editorial conduz de mesma forma as duas reportagens?

R: sim

O que você conclui das dois vídeos?

R: Falam da mesma coisa, manifestações

credeal

20 11 11

N: K.A.G

Sine FA

Q. O editorial conduz da mesma forma as duas reportagens?

R: Sim

Q. O que você lembra dos dois vídeos?

R: Um dos vídeos do Fantástico mostramos manifestações em São Paulo.

N = B. L. S
S = 3 =
T = A

Q - O editorial condiz da mesma forma da
duas reportagens?

Sim

Q - O que você conciu sobre estes vídeos?

nada

Informante 5

05/11/14

N: TJS
Sua 3ª A

Q: O estival condiz da mesma forma as duas
apertagens?

R: Sim

Q: O que você conclui das duas ríthas?

R: Em das ríthas falam de mesmo assunto

N = E.C.S

S = 3i

I = A

Q: O editorial conduz da mesma forma as duas reportagens?

Sim

Q: Que voz concluiu os dois textos?

Nada

